

1º CADERNO

DO AMOR DE ONTEM, DE HOJE

DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

A alma, a essência, a natureza do amor --- vá lá alguém exprimi-las! O amor é, propriamente falando, algo de vago, flutuante, indefinível: sentimos a sua emoção, experimentamos o seu sentimento, sofremos a sua influência mas não sabemos, verdadeiramente, defini-lo, não sabemos dizer o que ele é. Sabe-se nunca?

O amor é talvez indefinível porque, propriamente dito, não há amores sem amores. Existiria, em realidade, um Amor absoluto, no mesmo sentido em que há uma Verdade absoluta? Dizem uns que sim, outros que não. Alguns metafísicos do amor não hesitam em admitir, através de um raciocínio discursivo, especulativo, analógico, que há um Amor total dominando os amores parciais, tal como há uma Verdade total imperando sobre as verdades parciais.

Nasce a indefinição do amor do fato de ser ele dotado de substância vária e ondulante; possui diversos graus de intensidade e duração, muda constantemente de fisionomia e de aspecto. É composto a um só tempo de prazer e de alegria, inundado de sofrimento e de dor ao mesmo tempo que de júbilo e êxtase. O amor é um misto de tragédia e de comédia ---; geralmente, visto à distância é cômico, examinado de perto é trágico. Visto de perto ou de longe sempre haverá de notar, o observador perspicaz, que se trata de um sentimento sombrio, alegre, vivaz, contraditório, obscuro, constante, inconstante, enigmático, sério e triste, calmo e inquieto... que sabemos nós? Em suma, o amor reflete o próprio enigma interior do homem, apresenta a móvel incógnita humana, traduz a complexidade da alma humana.

O amor é eterno como eterno é o mistério da alma humana. É uma manifestação da eternidade do homem e de sua alma. É uma viva e rica tradução do sentimento do anjo ou da bêsta que existem no fundo de todos nós. É um sinal do espírito que há em nós ou do porco que dormita dentro de todos nós. Dá um retrato da espiritualidade da alma

ou da sensualidade da matéria. Se somos dotados de uma natureza dual, psicofísica, feita de espírito e matéria, assim deverá ser o amor que nos domina: ou amor espiritual ou amor baixo, impuro, alimentado com todas as torpezas da carne frágil impetuosa, carne semiloucamente gulosa de gozos orgânicos, galvanizada por apetites inferiores, fera faminta incessantemente desejosa de consumir seus apaixonados anseios de amor e sexo.

Amamos, assim, com a alma ou com o corpo, ou com ambos ao mesmo tempo. O nosso velho e querido pensador Farias Brito dizia que ninguém ama porque quer mas sim que todos sofremos a influência do amor, seja o amor físico ou originário do espírito, viva ele nos nervos ou nos espaços invisíveis da alma, na zona ou região inobservável, não-euclidiana da psique. O amor --- físico ou não --- vem e vai, como uma febre; ele chega e desaparece de modo inexplicável; com efeito e na plena realidade, ninguém sabe explicar porque tanto se odeiam os que se amaram tanto. Que explicação se dará ao gesto do amante que mata ou destrói justamente o que mais ama? Detestar o objeto do nosso amor é precisamente uma das mais estranhas incógnitas da personalidade humana; este é mesmo o tema central da "Balada do Cárcere de Reading", poema que Oscar Wilde dotou de imortalidade e que foi certamente escrito para durar eternamente. Na verdade, parece que não podem deixar de odiar-se os que se conheceram demais.

Inteligentemente expressiva é a noção que José Ingenieros tem do amor; segundo o conceito deste fino e penetrante pensador de nosso continente, o "amor é o instinto embelezado". Com isto parece estar dito tudo: o amor do homem diferencia-se do amor animal porque é um instinto feroz que se sublima, que se espiritualiza. É um impulso de base física, orgânica, animal que se eleva, sobe, trina nas inspirações da pureza, da poesia (poesia vem do grego poiesis, isto é, revelação ôntica, criação espiritual e expressão). O animal não tem imaginação, não tem poesia; apenas o amor do homem pode ser imaginativo, poético, em muitos casos, até sublime.

O amor é esse cão feroz que nos esotraça deliciosamente, adoravelmente. Já o animal não experimenta esse delírio ou essa verti-

vertigem depurada dos sentidos, visto que é privado de sensibilidade estética, é cândido e inocente em sua ferocidade mas é destituido inteiramente do sentido da beleza, da poesia, da imaginação artística que tudo tende a afinar e estilizar.

Platão, o divino Platão, que pensa ele do amor?

A teoria platônica do amor vem sobretudo expressa no maravilhoso diálogo do "Banquete" (*Symposium*); mas não só nesse inestimável e extraordinário livro o ~~sublime filósofo grego~~ ^{sublime filósofo grego} discorre ~~assu-~~ ^{dis-}cedoramente acerca dos belos e espontâneos impulsos de Eros: o amor e seu estudo acham-se presentes em quase toda a excelsa e incomparável obra do platonismo, sistema filosófico que tanto abalou e ainda continua convendo a cultura humana em todos os quadrantes do universo. Platão é um filósofo puríssimo, a bem dizer perfeitíssimo, puro e intenso no mais alto grau; não só é ele um filósofo como é, sem dúvida, a própria filosofia. Foi ele, propriamente falando, quem ensinou a humanidade a pensar, a filosofar; fora dele nada há que se pareça com pensamento, com idéia filosófica; fora de seu mágico reino mental só existem trevas, sombras, nuvens, balbúrcios, incoerência, contradição, tateios no vazio, imprecisão, telema, sandice.

Platão escreve sobre o amor com grande beleza, com beleza poética e pensamento profundo; era um grande poeta, possuía o dom da mais fina ^{sensibilidade} ~~sublimidade~~ para a poesia, mau grado se desse ao luxo de cultivar um estranho paradoxo, que era o de combater a poesia e expulsar de seu reino encantado os poetas e sonhadores. Grande é a fineza de Platão ao falar do amor:

"Na nossa experiência humana, ensina-nos ele, o amor tem como origem a amabilidade do amado. Recebemos o amado; descobrimos nele as razões de o amar, mesmo se ele foi vil ou aviltado. É a corrente do amor desse do amado para o amante, para se enriquecer e se intensificar no movimento que a faz voltar do amante ao amado." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filo-

Esta concepção platônica do amor, formulada apenas a respeito de uma das cem faces das atividades de Eros, seria perenemente sã-bia e sem falhas, seria capaz de perdurar para sempre como uma obra de perfeição acabada e definitiva? Seria difícil encontrar qualquer reparo a fazer-se-lhe? Fácil é, responde Nêdoncelle, e escreve:

"...Platão não reparou suficientemente na iniciativa gratuita que cabe ao amante, e que é proporcional à elevação do seu amor. Se há um fundo de necessidade no amor, há nele também uma flor de liberdade; ele é percepção, mas é também invenção; a autonomia que quer dar, adquire-a primeiro; e se recebe sempre algo do que dá, é só para aprender a dá-lo cada vez mais, recebendo cada vez menos. A própria recepção tende a ser o resultado de uma obra consciente; é sofrida para ser ratificada, e, a partir de então, será querida." (Maurice Nêdoncelle, op. cit.).

Mas há mais, muito mais a ser captado no estudo do sentimento do amor, sentimento misterioso em que o "dar" e o "receber" estão íntima e indiscernivelmente ligados, em que anseios possessivos e ansias de sacrifício e renúncia são muita vez indissociáveis. Com a atenção ou com a vista voltada para ^{este} curioso aspecto do amor, diz o Pe. Nêdoncelle no desenvolvimento de suas análises assás significativas:

"Se o amante não é inteiramente criador, será necessário concluir que quer apagar-se na promoção do ti, e que essa promoção só se realiza à custa de uma diminuição? Estoutro extremo não é impositivo. Quando se trata de bens materiais, o amor sincero deve, é verdade, estar disposto

às condições onerosas da partilha: e, em breve, será ensanguentado pela exiguidade chocante dos meios sensíveis. Mas, por mais trágica que se torne então a prioridade que o mim assegura às necessidades do amado, não é pela sua própria vontade de promover o amado que o amante se mutila e se suprime."

Não. "Como poderia uma diminuição do mim produzir, automaticamente, um progresso positivo do outro?" A metáfora da limitação voluntária nada explica."

"No amor, o mim está convencido de que pode influir sobre outra consciência e produzir, numa certa medida, o desenvolvimento de uma interioridade que existe por si própria, em face d'ele. Todo o amante tem esta pretensão; e se lha retiramos, retiramos-lhe o próprio amor. Ilusória ou não, a sua intenção repousa na srença fundamental na ação transitiva duma consciência sobre outra."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

DISEE Jean-Paul Sartre que o amor reduz-se a sadismo e masoquismo; nada mais. E quanto a Albert Camus este professa, francamente, o amor-livre, através da defesa da "moral da quantidade" em radical antagonismo à "moral da qualidade". O "donjuanismo" camusiano vê, na mulher, apenas um mero objeto ou instrumento de prazer momentâneo, transitório; nenhum homem ou mulher pode ser símbolo platônico de amor eterno, de amor sem fim. Camus nega, portanto, o lirismo, o romantismo.

Camus "passou"; como é certo que Sartre já está "passando"? ... Não o cremos, positivamente; não acreditamos, nisso, dado que ali estão, bem diante de nossos olhos, vestígios ou sinais sensíveis de influência que ainda exercem sobre a juventude, cujo amor de dia para dia mais se descarna ou se despoja de lirismo e romantismo, acentuando o culto do amor-livre, isto é, de um amor que é fruto de cálculo, amor raciocinado e frio, simples e seca extração do prazer físico. Em suma, amor dos corpos e não da alma.

O amor, em nossa civilização mecânica ou de intensiva automação, perde gradualmente o halo romântico e lírico que nele antes prevalecia. As chamadas "uniões-livres" espalham-se por toda a parte; estas serão uniões orgânicas, sem dúvida "amorosas" mas no mau sentido, no sentido falso, sem genuína e autêntica amorosidade humana; na verdade, são uniões mas uniões cancerosas.

A "união-livre" não é livre e tem por base o prazer — prazer egoísta e que, muito repetido, se desgasta insuportavelmente, logo desaparece ou se eclipsa inevitavelmente. E louca e vã, é mesmo estúpida esta ansiosa e individual busca da felicidade. Daí o ter escrito Gustavo Corção, com infinita razão: ^{"Há valorizações que desvalorizam."} É fácil mostrar. Quando uma coisa é colocada acima de seu verdadeiro lugar, com primazia indevida, com altitude inadequada, o resultado é

inevitável é a degradação, a desmoralização daquilo mesmo que se pretendia valorizar. Caindo da falsa elevação, tem-se achatada a coisa que se quis exaltada." E a este conciso exórdio junta o magnífico escritor patricio:

"Quem faz do prazer o pólo da vida acaba inevitavelmente perdendo tudo: mas a primeira coisa que perde é o prazer." ("Claro-Escuro").

Ora, com a felicidade acontece o mesmo que com o prazer: perde-se-o, lamentavelmente, como preço ou prêmio de tanto procurá-lo! Não há esquema racional capaz de aprisionar a felicidade humana; a felicidade "jamais pode ser colocada como objetivo primeiro e direto. Ai de quem traça êsse lúgubre programa!"

"Não digo — esclarea Corção — não digo que a felicidade de não seja desse mundo." — "Genuína e boa, verdadeira e doce, a felicidade que anda pelo mundo é peregrina e esquiva. Se nos apegarmos atrás dela não a alcançaremos. Ela foge, como para nos dizer que outro deve ser o itinerário de nossa alma, e que lá a encontraremos. Ou como para nos dizer que ela é a gata borralheira, serve de outro objetivo, de outro pólo mais alto."

É simplesmente inacreditável que a humanidade ainda não tenha aprendido esta dura, severa, cruel lição de todos os dias: o amor do prazer, o exclusivismo amoroso ou erótico, a busca direta e primeira da felicidade sensível somente traz desilusão, saciedade, fastio, dor, angústia, sofrimento. Nunca alegria, nenhuma alegria.

"É uma loucura buscar a felicidade, perseguir, procurar a felicidade, fazer da felicidade o pólo primordial de qualquer ato humano. Ela existe, aqui e agora, mas só há um caminho verdadeiro para chegar onde ela está: o da generosidade esquecida de si mesma. O egoísta pensa que é tanto mais realista quanto mais egoísta. Mas é apenas um equivocado inimigo de si mesmo. Terá prazeres, mas cada vez mais breves

e mais exigentes. Mas não alcança a paz, que só

e mais exifentes. Mas não alcança a paz, que só a generosidade e a dedicação podem dar." (Gustavo Corção, loc. cit.).

Resumindo: "O mundo moderno, na agonia das estruturas de egoísmo doutrinarmente construídas, e vividas por quatro séculos de civilização individualista, procura a paz e a felicidade onde jamais poderá encontrá-la. Só falta aos homens angustiados de nesse tempo descobrir que é no dom de si mesmos que está o grande segredo da vida."

Portanto, no amor-livre não há germen algum de felicidade, esse elfo esquivo que foge-nos sempre, como a água foge-nos sempre por entre os dedos. Objetivo louco, insano, alvo ou escope irracional será procurar a paz em uniões fundadas num amor egoísta e destituído de senso de justiça. Porque não há, verdadeiramente, justiça no amor-livre -- justiça para a mulher que é rebaixada numa filosofia que simplesmente equipara o ato sexual ao ato de comer.

Bertrand Russell não se vexe de pregar essa imoral doutrina, em que o amor se torna livre, liberto dos "preconceitos que exasperam os problemas do sexo", ponde por terra os tabus, os dogmas, as práticas ascéticas. Mas, seja como for, há limites em qualquer tipo de amor; são limitações impostas pelo universo ético em que vivemos (em que nós, os sensatos, os equilibrados, vivemos, não os que vivem insensatamente, loucamente, primitivamente, como animais).

O Hedonismo, que prega e consagra o amor-livre, esquece que, nessa relação de amor existem duas pessoas -- duas pessoas cujos atos normais devem ser regulados pelo sentimento que os antigos chamavam de justiça. O mútuo consentimento das pessoas implicadas no amor-livre deve obedecer à moral que rege "a sociedade humana com todas as suas dimensões e complicações". Em outros termos,

"nós sabemos, há séculos, que duas pessoas não podem jamais se isolar do grande conjunto humano. De onde se conclui que o livre consentimento das duas não deve bastar, em nosso

sistema ético, para legitimar o que juntos fizeram." (Gustavo Corção, op. cit.).

O amor-livre é apenas um fruto venenoso da abjeta moral individualista, dessa moral que se opõe radicalmente à moral universal. Ninguém -- nem mesmo o artista -- pode aspirar ter moral própria, pessoa, desvinculada da ética que rege soberanamente as relações sociais. Somente o revoltado, o discolor pretende -- tal como Bertrand Russell -- provar que "o mundo será melhor, na base do amor livre e da emancipação sexual".

Tal afirmação ainda está no ar, nunca foi provada, malgrado sempre ter sido feita com calor. Afirmação apenas verbal, teórica, gratuita (dada de graça); frase feita no mundo da oratória, da demagogia amorosa ou erótica, a palavra pretendendo substituir a realidade. A realidade é bem outra:

"O que se pode prever de hedonismo, que está na base da moral de Russell (e de todos os epicuristas de hoje)... é um mundo muito mais egoísta e muito mais feroz do que este que já possuímos." (Gustavo Corção, op. cit.).

Bem fácil é para muitos dizer certas coisas sem base. Os hedonistas fazem isso, inteiramente à margem da verdadeira filosofia moral. Fácil é para eles dizerem coisas de modo olímpico e inexacto, de modo desconforme à realidade da vida. Mas os princípios, as postuladas teóricas não podem prevalecer se por ventura se chocam ou esbarram nas duras pedras da realidade. Primeiramente a realidade, depois os princípios -- esta é a ordem a ser observada por quem deseja ser pensador tanto isolado ou solitário como social.

UBIRAJARA ROCHA

A viscosidade do amor moderno é um fato indubitável. Muito mais do que num mórbido passado e amor que hoje se ~~xixx~~ ^{cultiva} ~~envisca-se~~ lamentavelmente na facticidade repugnante e não raro patológica.

O homem ama naturalmente com morbidez porque --- como disse Pascal --- e seu coração é ~~é~~ e cheio de lama. Esse coração repleto de miséria e podridão aspira, pode-se dizer, com naturalidade, à imundície. Tornar-se um animal não é, sem dúvida, forçar muito a natureza do homem. E também muito fácil será convertê-lo num animal imundo.

Na obra de Jean-Paul Sartre, altamente lúida e intelectual espelha-se com muita viveza e nitidez esse hediondo estágio de amor viscoso a que atingiu o amor na hora contemporânea. Sua hediondez chega ao ponto de negar-se a si mesma, caindo em formas horríveis de apêgo humano, como o sadismo e o masoquismo, bem como ^{nas} manifestações de um ser que "não quer ter pai nem mãe", ~~metolando~~ no "vício grego", no "vício infame" (exaltação de amor das mulheres de ambos os sexos).

Doleroso, acabrunhante é a hora presente, a hora que temos todos de sofrer no mundo atual. Hora triste porque cheia de uma herança maldita: sofremos de uma hereditariedade sem cura, sem desvio, amarga. Como disse Michelet, ainda que a outro propósito:

"Horas há em que não caminhamos, arrastamos. Dispendo de imensas ~~energias~~ ^{energias}, a cada passo ofegamos. Porquê? Nada mais claro: trazemos de rastros uma coisa morta, e por isso, tanto mais pesada. Se fôra a nossa pele, o caso era simples: sairíamos dela, como a cobra. Mas o mal está no fundo."

Sim, o mal está no fundo --- está na velha alma humana,

alma pervertida, corrompida até nos alvéolos mais íntimos, nas fibras mais secretas, nos tecidos mais obscuros de suas entranhas.

É esta alma apodrecida que habita ou povoa o velho e podre mundo. O mundo, homens, mulheres, e crianças, tudo e todos dificilmente escapam desta podridão essencial, podridão de atos e intenções. Disse, em espírito e verdade, um personagem dos contos de Bernanos:

"Não sou eu que estou vazio, disse em vez alta, são eles. O mundo está ~~é~~. Ele se esvazia na parte inferior como os mortos. Não há mais nada no ventre, não há mais ventres." --- A maioria das pessoas nunca vai além do ventre. "O que tem eles em seu lugar, esses doutorinhos, esses cortadores de fio em quatro, a última ninhada de André Gide! Uma bolsa de pus --- e que pus? Pus cerebral..." (Pe-sadelo", novela).

No lugar do amor, verdadeiro e sincero, entroniza-se e prazeres, cinice e sem pudor. É o prazer, que abele ou desterra Deus, que apaga o cristianismo, pouco a pouco, do coração do homem. O homem de hoje odia, acima de tudo, sofrer; e que quer, sobretudo, é gozar. Em suma, foge, espavorido, do patético:

"Patético vem do grego pathen, sofrer. O cristianismo pode se desintegrar pouco a pouco, mas nesse mundo ocidental não consegue eliminar os seus mais sutis e perigosos venenos. Todo mundo parece ter pressa de gozar, mas há escondido em cada vida um recanto secreto, um altar dedicado ao sofrimento. E se correm atrás do ouro --- que afinal não é senão a marca material do prazer --- é com um pouco de vergonha, porque a Pobreza --- a santa Pobreza ---

se impõe sempre."

São bem poucos, na verdade, bem raros os que escapam a esta auroicidia, ou leucura do eure, busca universal e desenfrada do eure, nobre e vilíssimo metal e que é o sinal mundial do prazer. Sem eure é decerto impossível haver prazer; converte-se, por isso, numa "espécie de fetichismo, numa sordidez milenar."

Para não parecer à tua volta ao alto da página, a fim de reler o que escrevi. Note, desde logo, que penso mais do que posso exprimir, quer dizer, ~~abuso~~ que meu pensamento está acima de minha capacidade de expressão, como ocorre com a grande maioria das pessoas ordinárias ou comuns. Ao reler as últimas palavras escritas tome imediata consciência de que exprimi minhas idéias com plena seriedade; contudo, deve reconhecer que o fiz apenas com metade de meu ser e não com meu ser, todo quanto. Porquê isso? Por poder, mãe à incôgnita da publicidade? Não, seguramente. Simplesmente por medo de falar à tua, falar de mais. Repete-se, aqui, o fenómeno tão conhecido de Hermann Hesse, lúidamente exposto por ele em inestimável tópico de uma de suas novelas de repercussão profunda em todo o mundo intelectual:

"Falamos em demasia... As palavras engenhosas não têm qualquer valor, absolutamente nenhum. Só conseguem afastar-nos de nós mesmos. E afastar-se de si mesmo é um pecado. É preciso que se saiba encerrar-se em si mesmo, como a tartaruga."
("Demian").

Tentemos pois falar sem engenho mas com sinceridade absoluta sobre o amor, o prazer. É preciso falar sobre esses temas eternamente ^{imagens} com simplicidade mas com energia de frase, com ~~inteligência~~ inteligentemente expressivas, trazendo idéias cheias de pureza, nobreza e dignidade. Porque, sem dúvida, fora da sexualidade atormentada, repulsiva e ^{sombria} ~~amorosa~~ o amor é um sentimento repleto de espiritualidade e beleza, é infinitamente belo, harmonioso e nobre.

Contudo, pede o amor existir fora das fantasias do sexo? Existe amor desligado da viscosa voluptuosidade da carne horrivelmente ciumenta, egoísta e possessiva?

Não — responde-nos o estudioso profundo da criatura humana, excetuando-se dessa regra apenas o amor dos santos, que é puro, elevado e sem mescla. Na adolescência, sobretudo, o amor entremescla espírito e instinto; nessa fase da vida, obscura e atormentada, o amor é uma fona de espírito e sexo, o espírito é puxado para um outro ser ao qual mais do que tudo deseja "apertar num abraço profundo, amoroso e ardente", enlace que "provoca desânimo e espanto, que é um culto divino e ao mesmo tempo um delito." Enlace íntimo e estreito, — tão íntimo e estreito! —, que levou o extraordinário artista que é Hermann Hesse a escrever desta forma:

"Delícia e espanto, homem e mulher associados, o mais puro e o mais negro confundidos, funda culpa palpitando sob a mais terna inocência. (...) O amor não é um obscuro instinto animal...; nem tampouco piedosa adoração espiritual." (Mera adoração passiva da Anima pia). Freme, palpita e amor tanto no instinto como na piedade; é anjo e demônio, homem e mulher em um, ser e fera, sumo bem e profundo mal. Por isso, nós sempre o desejamos e tememos.

Mas, sem dar novo giro à nossa esfera de observações, detenhamo-nos, ainda, em outras originais e belas concepções dadas ao amor por Hermann Hesse. Após ter mostrado a dupla natureza do amor — "demônio e prostituta, vampiro e assassino", ternos sonhos misturados ou confundidos com ansiosos de "devassidões obscenas", o bom e o precioso de mais indissociavelmente atado ao que é "demasiadamente mau e baixo" — ^{percepções} ~~percepções~~ com admirável clarividência, numa página de indescritível beleza e profunda sabedoria; a qual, mau grado um pouco longa, não consegue resistir à tentação de ~~XXXXXXXXXX~~

aqui transcrevê-la quase por inteiro, valorizando, assim, enormemente, este meu pobre ensaio de reflexões variadas e ecléticas sobre o amor:

atormentado
Ao adolescente "insatisfeito e ~~insuportável~~ de desejos" disse a mulher sensualmente madura, reflexivamente experiente das coisas e do sentido da vida:

"—Você não deve entregar-se a desejos nos quais não acredita. Sei o que deseja. Você tem que abandonar esses desejos ou desejá-los de verdade e totalmente. Quando chegar a pedir tendo em si a plena segurança de alcançar seu desejo, a demanda e a satisfação ~~vão~~ coincidirão no mesmo instante. Tem que dominar tudo isso."

E para provar o que dizia a mulher espiritualmente equilibrada e madura contou ao adolescente uma fábula. Contou sobre "um adolescente que estava enamorado de uma estrêla."

"Junto ao mar estendia os braços para ela, adorava-a, sonhava com ela e lhe dedicava todos seus pensamentos. Mas sabia, ou pensava saber, que um homem não pode enlaçar uma estrêla. Imaginava que seu destino era amá-la sempre sem esperanças e construiu sobre essa idéia toda uma vida de rendências e de dores, muda e fiel, que devia purificá-lo e enobrecê-lo."

"Uma noite estava de novo sentado junto ao mar, no alto de uma escarpa, contemplando a amada e ardendo de amor por ela. E num instante do profundo anseio, saltou no vazio para alcançar a estrêla. Mas ainda não pensou na impossibilidade de alcançá-la e caiu, arrebatando-se contra as rochas."

Isso acontece sempre com os que não sabem amar. O adolescente, ingênuo e divino, em sua brilhante inépcia e ignorância, não

sabia amar.

"Não sabia amar. Se no momento de saltar (sobre o vazio) tivesse força de alma bastante para crer fixa e seguramente na obtenção de seu desejo, teria voado para o céu a encontrar sua estrêla."

Esta foi a história contada pela mulher plena de maturidade e experiência. Mulher sábia e clarividente que tudo sabia com dolorosa lucidez, concluindo seu relato com mais esta aguda e penetrante observação de caráter genérico:

"—O amor não deve pedir nem tampouco exigir. Há de ter a força de chegar em si mesmo à certeza e então passa a atrair em vez de ser atraído."

Sem dívida: a mulher quer ser atraída; sendo atraída, atenderá ao ardente pedido que lhe é feito. ~~Ela~~ "não quer ser uma dédida, mas uma conquista."

UBIRAJARA ECHOA

UBIRAJARA ROCHA

EXISTEM, é verdade irrecusável, adultos frívolos, rapazes berboletas, mãas repletas de incurável futilidade, todos asquerosamente irresponsáveis, incapazes de assumir compromissos sérios e graves na vida, que sômente procuram ou tentam encontrar e prazer nas atividades do amor. Eros, para eles, é apenas gozo — gozo dos sentidos, meros e passageiros caprichos da sensibilidade desocupada; nada mais.

estabelecer e coerente.
Mas, se se procura estabelecer uma ordenada sequência de tipos de amores, havemos de encontrar outra espécie de adeptos de Eros, os quais nada mais vêem nos parceiros eróticos senão muletas que os ajudem ou os amparem no caminho escabroso da vida. Estes peregrinos, esta curiosa e pitoresca espécie de viandantes da existência — bem diversa dos que têm a natureza e a marca do homo viator, a que se referem os teólogos e escritores cristãos — não andam em busca de nenhuma Jerusalém celeste mas sim em busca de auxílio, cunhampare. ~~Amam~~ Amam para se defenderem, para se fortalecerem — para melhor poderem suportar a dolorosa angústia de viver, para arrostar com mais coragem e sofrimento profundo da vida, e patética da existência mortal.

Escreveu o angélico e tenebroso Novalis:

"Para onde caminhamos sempre? Para casa!"

Isto, sem sombra de dúvida, faz o homem completamente imbuido de amor cristão, e homem inteiramente impregnado do sentimento de que é um viajante ou caminheiro em busca da casa do Pai, da pátria celeste, da cidade de Deus. Mas é aderador dos bens sensoriais, e que sente atração pelas coisas inferiores vive, praticamente, sem espiritualidade alguma. E, no amor, só quer encontrar socorro para

a sua imensa nulidade e desolação, para preencher seu enorme vazio interior, para afugentar seu lamentável modo de sofrer sozinho.

É lastimável, é tétrica e espetacular que estas criaturas nos oferecem. ^{aí} Ai vêm eles pela vida carregando e esquiando de um ego dole-
roso e infeliz —; aí seguem eles tristemente atentos ao longo mudo-
fnebre de inconsciente. Este pesado e noturno estado de espírito é
bem traduzido na fala de um personagem romanesco ou de ficção de
Georges Bernanos, que assim exclama, numa passagem do romance "Pes-
dela":

"Vocês todos se odeiam... Amar, na sua
língua, significa "ajude-me a sofrer,
sofra por mim, sofram juntos". Vocês
odeiam e seu prazer. Sim, vocês odeiam
seus corpos com uma raiva surda, amarga.
Vocês e odeiam desde a infância — só
uma raiva de criança tem esse caráter de
ferocidade turva, ingênua, esse rictus
cruel. Seus corpos são como a pequenina
rã que um menino pica com alfinetes, o
beseuro prisioneiro, o gato errante. É
ainda pior. Porque, afinal, a sorte co-
mum da rã, do beseuro, do gato errante,
do sapo, é certamente a tortura — eles
estão em plena extravagância, ao passo
que o prazer é o fim natural do corpo e
nesse fanatismo faz desse prazer uma es-
pécie de tortura."

Raramente estes amantes conseguem sair de sua cegueira.
Continuam por muito tempo fingindo que se amam, mas na verdade, no
fundo, se odeiam — odeiam-se mais do que tudo no mundo. Procuram
no gozo mútuo, superficial, pele contra pele, corpo unido ao corpo,
um meio de fugir ao tédio da existência, evasão à dor profunda de
existir. Ouçamos mais uma vez a voz do personagem bernanosiano:

"Você quer o gêzo, ei-lo, animal imundo. Goze ou morra." Vamos! Vamos! o cristianismo está dentro de suas moelas e sua famosa desmoralização de após guerra, sabe o que ela fez? Ela restaurou a noção de pecado. A noção de pecado, sem a graça, imbecis! Vocês desprezam seus corpos por serem ôles instrumento do pecado. Vocês o temem e desejam, ao mesmo tempo, como uma coisa estranha, da qual vocês invejam, disfarçadamente, a posse. Porque vocês não possuem seus corpos, vocês só crêm possuí-lo raramente, quando, tendo esgotado todos os recursos de sua horrível lucidez, vocês parecem estendidos lado a lado, como dois animais selvagens. Se o diabo existisse, gostaria de saber se teria inventado algo melhor --- que ironia mais infernal!"

Ninguém será por muito tempo uma bêsta afortunada, servindo ao mesmo tempo dois senhores da alma: ou o homem é espiritual, próximo do anjo, ou é animal, vizinho da bêsta. "É imensamente sensato, ponderado, quem perfilar, em espírito e verdade, esta sentença:

"A tentativa de bem servir a dois senhores falha tão completamente quanto o Divino Mestre predisse."

"Animal imundo" --- eis pois não que se converte todo aquele que, para fugir da vida, apenas ama com o corpo, esquecido de que o amor é mescla harmoniosa de corpo e alma, misto de sexualidade e ternura. Com o corpo apenas ama e porco que dormita no fundo de todos nós.

O amor exclusivamente orgânico, carnal, unicamente orientado pelos apetites da carne escrava e semilouca, é, como se dizia

antigamente, "amor de perdição". Lança a alma na turva torrente da sensualidade, no fio de fogo da voluptuosidade. Elabora para nós, lentamente, o mais terrível desespero, a aflição mais profunda. É como uma serpente pelicéfalá que nos enlaça para a ruína, para a morte:

"Desgraçado daquele que serve de pasto ao olhar ávido da serpente!"

Nada mais horrível, mais assustador, do que ser envolvido pelos anéis da serpente voluptuosa --- amarrado com todo o corpo pelos elos fortes da vóldpia cruel e serpentina. Foi, de certo, pensando no abraço mole, langue mas constante, tenaz, da vóldpia que o ENANDE Unamune sentiu-se inspirado para escrever esta frase:

"Nada é mais parecido ao abraço do que o estrangulamento."

O amor, exclusivamente do corpo, não é amor --- é fúria, é ferocidade assassina, é ansiedade demoníaca, é ardor satânico e cruel. É muito mais ódio, cólera, do que amor. Nada mais demeritório do que este amor feito de egoísmo brutal, cego, irracional.

O amor carnal --- posse obsessiva e ciumenta, sede e fome horrível da carne insatisfeita. Impulso para o abismo, levando o tormento de um lado para outro. Tal é a característica essencial do Diabo --- porque também o demônio é incapaz de amar. Disse a maravilhosos deuterá e sábia Santa Tereza de Ávila, ao definir o demônio:

Que é o demônio? "Aquele que não ama."

Sim, o demônio não ama, mas é com a alma; com o corpo ôle ama, naturalmente, qual porco imundo. Ama com os sentidos horrivelmente lúcidos e esclarecidos, buscando as obsessões tirânicas do prazer torpe, do prazer hediondo, frio e cruel, amor de sanguessuga mal dita e que chupa tede e sangue da vida. Amor de vampire hediondo, abjeto, como o verme que se insinua no coração da fruta mais bela e saborosa. Monstro, fogo do abismo, vindo do coração feroz de Satanás.

Monstruosa depravação do verdadeiro amor. A própria imagem da iniquidade.

O amor carnal, unicamente carnal, é como uma ave maldita adejando pelas planícies da alma, pelos espaços do espirito. Pássaro lúgubre, sinistro, gênio negro e feroz, que espalha na alma as horrendas proliferações do câncer.

Paromos por aqui: já já há por aqui ensinamento em demasia.

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

É COMUM dizer-se que o lirismo desapareceu da face do planeta, nossos ouvidos já estão fatigados de escutar a afirmação monotona segundo a qual o romantismo morreu; declara-se por toda a parte, comumente e naturalmente, como uma verdade inquestionável, como uma certeza clara como o sol, que já não há amor na vasta superfície da terra. O amor morreu, desertou dos corações — dizem — e essa agonia de amor caracteriza ou singulariza, como um traço ou nota dominante, os nossos tempos de tão intenso, grosseiro e cru materialismo.

Tal é o que afirmam e sustentam, de modo enfático e solene, todos os interessados na morte de amor, incluindo-se entre eles pensadores de nomeada e prestígio, ^{escritores} de grande e real merecimento. E contudo, contudo, que vemos por toda a parte, que enxergamos por todos os lados? Nada mais que a presença real, viva, cálida, quente de amor eterno, de amor enipresente. Em todos os cantos e recantos da sociedade vislumbramos o perfil adorável, a silhueta encantadora de amor; o amor está presente nas ruas, praças, salões, praias, casas de diversões, lares...; o perfume de Eros é, a bem dizer, ubíquo como a atmosfera, e sela as relações entre homens e mulheres, prende sobretudo o coração da juventude, coração que continua sendo vividamente caloroso, sempre e sempre pulsando com desordenada violência. Os jovens ainda não se esqueceram do doce hábito de se fitarem com os olhos molhados de ternura, de se entreolharem com apaixonada fervor, de se falarem com voz quente e profunda, de andarem com as mãos unidas, cálidamente enlaçadas pelos doces movimentos de um coração terne.

Isto assim visto poder-se-á, ainda, fazer cêre com os que proclamam a morte do amor, a decadência do lirismo, o eclipse do romantismo em nossa rude, áspera e dura época de realismo e automação? Não! O amor não morreu. Não é verdade que o amor romântico abandonou

a árida e seca superfície de glebo. Esse amor, é certo, existe ainda, malgrado não seja o mesmo de passada; existe, em realidade, mas adaptado às modernas condições de vida social e individual, acompanhando as estranhas modificações que o maquinismo, que a civilização mecânica e industrial introduziram na face de nosso "lamentável planeta".

O amor, efetivamente, modificou-se, apresenta nova indumentária, exhibe fisionomia nova. O amor atualizou-se em todas as suas formas e manifestações, em todos os seus modos de expressão; no fundo, porém, na sua essência, o sentimento de amor é o mesmo de sempre, ensofado de grandes alegrias e dores amargas, impregnado de júbilos e sofrimentos agudos. Em sua substância, o amor de ontem é idêntico ao de hoje, isto é, permaneceu como sendo o drama fundamental da existência; não perdeu seu dramatismo. No passado como no presente, ainda e sempre --- nunc et semper --- o amor é fado, é drama, é destino, kismet. O amor é

O amor é alimento da parte mais nobre da humanidade sensível, é o sustento dos corações da mais elevada porção da humanidade intelectual. Ninguém vive sem amor e amor é tão indispensável para a vida como o pão, o ar, a água. O coração do homem é uma espécie de capela ardente, onde o amor queima e arde noite e dia, sem cessar, até o último dia de existência. Ele gera harmonia interior --- harmonia invisível que, segundo Heráclito, é superior à harmonia exterior.

Mas, como dissemos linhas atrás, não é pequena a cópia de escritores e pensadores de nosso tempo prenhe de loucos tumultos e baixo realismo, que propugnam a queda ou declínio do "amor romântico", substituindo-o por novas formas e vivências, novas e brutais manifestações vitais. Assim, o amor não pôdeu, não se despojou de sua vitalidade antiga, mas já não é de nenhum modo sonhador e lírico. Entre tais autores, filósofos, poetas e romancistas, mesmo dramaturgos de grande expressão artística, avultam as figuras de Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Samuel Beckett e tantos outros, perfilados na mesma linha de pensamento cruel e pessimista, profundamente

sombrios e crispados por um imenso desengano, por uma completa desilusão no que toca à estética, à beleza e riqueza do amor humano, poeticamente compreendido como outrora e foi pelas gerações que já se foram.

Para nós falarmos de Sartre, mencionando unicamente as concepções que este grande pensador --- "o maior metafísico da França" --- pacientemente elaborou sobre as atividades de Eres, diremos que são bem duras as noções por ele construídas em torno deste tema. O amor, segundo ele pensa, continua galvanizando a dinâmica dos destinos humanos, mas reduziu-se a duas únicas formas de expressão: o sadismo e o masoquismo. O amor é sadismo, masoquismo ou sado-masoquismo; nada mais. Tal é o amor para Sartre, na sua fórmula cruel e abreviada: todo amante ou é sadista ou é masoquista ou é uma mistura dessas dois bárbaros e patológicos impulsos da sensibilidade e da vontade humanas.

Não há diabo ou par amarelo que ame diferentemente de sadismo e de masoquismo --- proclama Sartre, não vendo que os fatos e desmentem de modo categórico. Não percebe que esse desmentido da experiência humana é sólido, é formal. Prossegue, impávido, na sustentação de sua doutrina, tão ácida, tão terrivelmente melancólica e triste, profundamente desiludida da bondade essencial de coração humano.

transparente.
De forma habitualmente idílica e luminosa, com seu estilo cheio de força e lucidez o excelente pensador católico Maurice Nédoncelle analisa com olho cordial as teses absurdas de Sartre, condenando-lhe, ao cabo e ao fim de tudo, o gelido existencialismo que crispa e o converte em "doutrina de desespero". Ouçamos o que diz o mestre francês, em uma de suas obras mais notáveis, "Para uma filosofia do amor e da pessoa":

"Sartre consagrou páginas densas à análise do sadismo e do masoquismo. Considera tais processos como ineficazes para escapar a uma contradição que tem como origem o amor de si próprio. O sádico descobre a sua impotência para agir sobre

a liberdade de outro, quando esse outro, que é a sua vítima, o olha; por outro lado, falha porque quer fazer passar toda a subjetividade de seu par para o corpo desse mesmo par, e não consegue realizar uma tal transferência; e, mais ainda, porque transforma em instrumento a carne de outrém, a fim de extrair dela a corporeidade viva, quando afinal esta nunca pode ser um utensílio."

Iste quanto ao que diz respeito ao sadista. E, em quanto ao masoquista, que há a dizer sobre ele?

Escreve o Pe. Nédoncelle:

"Quanto ao masoquista, não é melhor a sua tentativa. Tenta convencer-se de que está reduzido ao estado de objeto para outrém; pretende abdicar da sua transcendência própria, não o conseguindo porque a sua liberdade agente inspira a negação que faz da sua liberdade, e comanda a estratégia dos seus atos; visa a não mais agir sobre os outros enquanto os outros se sintam objetos em relação a ele; mas, a fim de convencer os outros e de fazer deles seus cúmplices, trata-os como objetos e sai da sua passividade; finalmente, deixa-se envolver até à angústia pela sua subjetividade inalienável."

O autor que acabamos de citar exerce, não se pode negar, imenso prestígio no campo das letras filosóficas contemporâneas, mantendo-se na linha do pensamento cristão ou do chamado existencialismo espiritualista; tem elaborado até agora, juntamente com Gabriel Marcel, Malègue e outros, que em França se destacam nas pesquisas de filosofia, teorias ou teses e concepções muito finas, engenhosas, penetrantes em torno de uma filosofia da pessoa. Talvez, mesmo, sua figura se saliente com adéptico brilho

que sua pura e brilhante figura de filósofo consegue se sobressair, em numerosos pontos, com a mesma intensidade de brilho que cercava um Kierkegaard ou Pascal, pensadores profundamente marcados pela angústia existencial, pelo sentido trágico da vida.

O Pe. Nédoncelle, como não podia menos de ser, em face de sua colocação cristã diante dos problemas da filosofia humanística, combate e hostiliza todas as teses e posições assumidas pelo humanismo sartreano. Segundo ele pensa, Sartre não faz outra coisa que tecer, em suas absurdas reduções de amor humano, uma perversa apologia de vício, uma crença no triunfo ou supremacia do prazer vicioso. Isto está bem expresso, nitidamente formulado, como facilmente se pode perceber nas entrelinhas de seu pensamento católico acerca da universalidade da pessoa humana. O espaço que dispomos está esgotado mas, quem sabe, talvez haja jeito de fazermos menção a alguns outros, poucos e breves, tópicos de sua acurada análise das cruéis e insensatas tentativas de Sartre, perdidas em sua imensa e desolada aridez emocional. Escreve ele:

"Esses vícios (ou seja o sadismo e o masoquismo) são insucessos, e o prazer de vício é o prazer do insucesso. Talvez seja possível seguir Sartre até este ponto. Mas, arrastado por princípios metafísicos muito diferentes daqueles que guiaram a nossa precedente investigação, ele faz do vício a consequência duma perturbação que residiria no próprio amor. Fixemo-nos, por um instante, na sua tese. Creio não deformar a sua idéi-
nesteira dizendo que para ele o amor é um absurdo que conduz à solidão. Um absurdo: porque nós trabalhamos para ser amados livremente, e que é contraditório ou pelo menos quimérico. Uma solidão: porque amar é querer ser amado, e querer ser amado é dobrar o outro ao nosso próprio querer, de qual parti-

partimos e ao qual chegamos."

Sem dúvida, muito mais do que isto foi dito pelo Pe. Nédoncelle, ao comentar as teses falsas de Sartre, metafísico de pensamento poderoso mas pôsto ao serviço de uma doutrina falsa, como se tem admitido em relação a Hegel, Kant, Renan, Spinoza, Calvino. Por ora devemos parar por aqui, porque, positivamente, não há materialmente mais espaço para prosseguirmos. Próximamente, em artigo que já temos em mente escrever, continuaremos a desenvolver as reflexões aqui apenas iniciadas e logo suspensas ou interrompidas, visto que é realmente muito bela e preciosa a contribuição de Maurice Nédoncelle para a elaboração de "uma filosofia de amor e da pessoa."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Existem, no mundo da cultura e da literatura, as mais estranhas teorias e concepções a respeito do amor, das suas manifestações e sucedâneos. Não há duvidar de que acerca do amor pululam copiosamente as teses mais imaginosas e exdrúxulas, muitas delas contritidas até mesmo contra o mais franco e radical desmentido dos fatos. Supomos que elaborada contra a realidade e a experiência cotidiana é ^{a tese} esta de um grande psicólogo moderno, cientista da alma ou anatomista do espírito que se acreditava absolutamente enfrontado no realismo da vida:

"É de bom tom, para uma certa psicologia que se julga realista, pretender que os sucessos do amor humano são devidos à imaginação, e que não conhecemos nem nunca modificamos qualquer ser."

Esta tese, falsamente realista e apenas fruto de uma vazia especulação da razão, sustenta-a Pierre Janet, em seu livro "Evolution psychologique de la personnalité", vem cerebriamente exposta desta forma:

"O amor não é mais do que uma hipótese transformada em idéia fixa; a pessoa que amamos vai ter o poder de nos nos consolar quando estamos tristes, de nos fortalecer quando estamos abatidos, de nos traçar o caminho da vida, de nos ajudar. Ela não tem esse poder, não sonha em possuí-lo, e é, de resto, incapaz de tal; mas isso não tem qualquer importância. Atribuímos-lhe essa personagem. E nisso que consiste o amor."

Teoria indubitavelmente ilusória, falsa, mentaz, que corre atrás do postigo, do artificial, do mais contrariamente infenso ao profundo sentimento de reciprocidade que caracteriza o amor. Criticando, filosoficamente ou de modo muito alto, esta concepção irreal, divulgada pelo grande psicofisiologista gaulês acima citado, escreveu o Pe. Maurice Nédoncelle, autor de obras excelentes e de grande inspiração religiosa e cristã:

"O cinismo desta última frase --- o amor é apenas o que imaginativamente atribuímos ao ser amado --- não suprime o enigma dos fatos, e mascara-lhe a mais rara e a mais preciosa das suas partes. Se em tal refletirmos, verificaremos que mistério bem mais estranho do que todos os outros será o de uma consciência deleitar-se com nuvens. Se a reciprocidade é apenas uma dupla ilusão, nada prova que o acordo de duas ilusões seja uma ilusão. Que este acordo seja perceptível, e que por vezes seja mantido por um duplo consentimento, eis o que salva já, nas ligações mais desprovisas, uma chispa de verdade."

A dupla reciprocidade amorosa existe, é um fato real e não da imaginação, como queria Pierre Janet; no amor, a imaginação serve para criar uma ilusão cuja finalidade é a de os amantes modelarem-se um ao outro, "segundo um ideal". "Sem a imagem não poderiam passar da contemplação à ação." Ou, em outras tórnos: "a imaginação pode levar-nos a uma percepção fina e a uma realização mútua que não sejam um mito."

O exame deste problema da dupla reciprocidade no amor não foi exatamente percebido por Jean-Paul Sartre, o qual, contudo, se jacta de ter feito uma análise completa do fenómeno amoroso ou erótico. O "maior metafísico da França", na verdade, apenas fala, em me-

página ou en passant, a respeito deste problema que o Pe. Nédoncelle denomina de "reciprocidade satisfeita". Escreve o Pd. Nédoncelle: "Não falo da tentativa de reciprocidade que é, segundo Sartre, certamente inerente à tentativa de amar; mas sim da dupla reciprocidade dos amantes felizes." E isto tendo dito acrescenta, mui esclarecedoramente, para espelhar o erro profundo de Sartre:

"Essa alegria "se existe", diz Sartre, provém de que outrem decide também amá-lo; doravante pór-nos-emos de acordo sobre uma dupla provocação, mas, por isso mesmo, encontrar-nos-emos sobre a frágil passarela duma alegria comum: a alegria de nos sentirmos amados, isto é, de nos sentirmos justificados por existirmos, porque consideramos todo o nosso ser um alimento que oferecemos generosamente ao desejo de outrem."

Esta é pois, significativamente expressa, inteligentemente traçada, a visão sartreana da "reciprocidade satisfeita" dos amantes --- visão em que os amantes apenas ^{existem} como pasto de uma espessa e viscosa sensualidade mútua. Os amantes não se penetram espiritualmente, animicamente, mas se gozam ou se usam ao infinito saber e capricho de suas ardentes concupiscências. Assim diz o próprio Sartre, com o cinismo peculiar e que tão dura e friamente corporifica a sua doutrina:

"Eu existo porque me prodigalizo. Estas amadas veias das minhas mãos existem por bondade. Como sou bom por ter olhos, cabelo, sobranceiras, e por prodigalizá-los sem fadiga, num transbordar de generosidade, a esse desejo inafatigável em que outrem se promove livremente."

Que vemos aqui senão uma total ausência de espiritualidade,

um completo e cerebral desconhecimento dos ritmos internos e superiores da alma? Nada mais existe aqui senão frieza, aridez, deserto, planície nua e morta, crueldade lúcida e amarga. Ou, como diz tão expressivamente o Pe. Nédoncelle:

"Estas linhas (de Sartre) são tão ferozes como as de um Padre da Igreja ao condenar as nossas concupiscências. Mas, por debaixo da caricatura, não será lúcido descobrir uma confissão?"

Evidentemente, na concepção sartreana, o amor não pode deixar de ser um círculo quadrado. Sartre definiu o amor "muito mais pela posse do que pela promoção". Em sua doutrina "posse" e "promoção" são "dois termos que não se encontram em igualdade de condição". Baseado nisso é que, indagativamente, podemos formular a nós próprios a suposição de que Sartre, "apesar das aparências", não trata do amor mas sim dos "sucedâneos do amor."

"Certas críticas farejam nos seus escritos um odor de enxofre; eu encontro-lhe sobretudo uma cor de chumbo, e uma aborrecida tendência para apagar, ou para tornar mais pesados, os poucos raios dourados da existência." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Sartre divide ou biparte o amor em duas asquerosas direções: o sadismo e o masoquismo. Vício horrendo, imundo, simples manobras do sofrimento — neste reside toda a essência do amor, segundo Sartre e seu feroz existencialismo. Ora, que há de mais audacioso, de mais errado, de mais absurdo e fantástico? Por isso escreve, com moderação e prudência, o Pe. Nédoncelle:

"A fortiori, as explorações sistemáticas do sofrimento, isto é, o sadismo e o masoquismo, não são corolários mas perigos da atitude amante." O "espírito pode lançar-se neles —

nesse hediondo perigo de uma sexualidade degenerada e selvagem —; "mas, para responder à sua vocação benemrita e heróica, deles deverá libertar-se."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Consoante o esclarecido ensino de Maurice Nédoncelle, autêntico e cristão filósofo do amor, cujo pensamento navega serenamente nas águas doutrinaárias muito límpidas e ^{muito} puras do cristianismo, é com facilidade que o amor, "quer se trate de descejo-de-si ou de devotamento, abandona a orientação para um ti, e se dirige para objetos impessoais." E, para provar quanto dissimula, escreve com a costuma densidade de suas páginas ou de seus escritos filosóficos:

"E dessa maneira que nos ligamos a coisas e a instituições, sem fazermos desta ligação um meio de promoção das consciências, mas sim um horizonte que nos limita e nos satisfaz. Se amamos um ser impessoal, é-nos impossível dar-lhe autonomia verdadeira. Uma planta, um cão ou mesmo uma forma social tal como a pátria e a humanidade não são sujeitos dotados duma interioridade livre; não são perspectivas universais como vós ou como eu." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Densa e formosamente desenvolvendo esta atraente e provocante ordem de ideias, não se furta o Pe. Nédoncelle em desdobrar ou desfaldar, a seguir, os seus preciosos argumentos:

"Neste caso, o amado é diferente do amante. E mesmo que o amante se imole por um objeto desse género, servir-se-á muito mais útil do que lhe será possível servi-lo. A vontade de posse será fatalmente muito maior do que o dom."

Não se pode negar que este ensinamento ou que esta tese encerra grande verdade, exprime, com exactidão, uma realidade psicológica incontestável. É uma tese, sem dúvida, da qual se poderá dizer que é apoditicamente certa, correcta, sem erro. Pois, quem o efeito, quem haverá por aí tão insensato que não veja a racionalidade da tese nédoncelliana, segundo a qual jamais poderemos amar um cão como amamos a outrem? O amor que dedicamos ao cão é bem diferente do amor que devotamos a um ser humano, a uma pessoa.

"Se me apercebo de que o meu cão é um cão --- assinala Nédoncelle ---, nunca poderei amá-lo por ele tanto quanto o amarei por mim, nem como o amarei por mim. Uma generosidade, e até uma reciprocidade, poderão unir-nos; mas elas são diferentes do que seriam se o ti fôsse um homem."

Uma vez descoberto este argumento o Pe. Nédoncelle o agarra fortemente, e não o larga senão quando pensa tê-lo esgotado até o fim, até o fundo. E é assim que o desenvolve, em valiosa e inextinguível dialética:

"Tento esquecer, é verdade, que o meu cão é um cão, e tratá-lo ingenuamente como um amigo e como um par. Mas esta ingenuidade, além do mais, é suspeita: finjo ignorar que o cão não é um mim pessoal, porque, dessa maneira, posso imaginar que domino um ser livre. O amor pelos animais, e também pelas crianças, dá-nos a baixo preço aquilo que só com grande dificuldade obtemos das consciências adultas: a segurança."

Continua o nosso filósofo a acentuar que o amor pelos objetos impessoais, pelos animais, pelas formas e instituições sociais não é amor, propriamente falando, mas uma ilusão. Sim, uma ilusão hu-

muito difundida pelo mundo, em toda a parte disfarçada sob falsas e postizas ou artificiais aparências de amor. Esta ilusão --- esclarece o Pe. Nédoncelle ---

"Não equilibrará a balança entre os dois aspectos do amor, isto é, entre o desejo de si e o devotamento, porque o insucesso de uma franca e completa reciprocidade entre o amado e mim próprio mantém uma diferença de natureza entre o meu desejo, voltado para a minha subjetividade, e o meu devotamento, voltado para a consciência nula do eu."

Desta sorte, impõe-se a conclusão:

"Quer queiramos quer não, a importância do devotamento será menor e a sua finalidade mais baixa; o amor que tenho por mim dirigirá e utilizará o meu devotamento, como um senhor implacável."

Mas a ocasião e o calor da argumentação, lançada em pura linha dialética, impeliram Nédoncelle a construir ou tecer outras considerações dignas de nota, observações muito finas e penetrantes como geralmente são as que naturalmente brotam de seu intelecto lúcido e superior; a superioridade intelectual dessas observações persuade-nos da necessidade, ou, melhor, induz-nos a não resistir por mais tempo à tentação de transcrevê-las aqui, em parte. Assim, diz ele,

"o hábito psicológico que contrainos nas nossas relações com os seres da natureza, ou com as instituições sociais, poderá, em seguida, contaminar as nossas relações com os seres pessoais. Somos tentados a transpor para o amor inter-humano um comportamento que é, doravante e im-

e imediatamente, injustificável, dado uma que nos faz considerar outrem como ~~uma~~ coisa, ou como uma idéia, deixando-nos na periferia da sua subjetividade."

Neste contexto desponta, indubitavelmente, a razão com que se arma o moralista para desconfiar do método de eros, acodando-se logo ea apregoar-lhe os malefícios e perigos; os moralistas mostram-se severos com eros, não dissimulando nunca sua prevenção contra ele, contra sua oculta malícia, sua perigosa ingenuidade, sua disfarçada perversidade, ^{sua maneira} ~~xxxxxxx~~ de insinuar-se nas almas que é, muita vez, notoriamente insidiosa. Nem sempre, porém, é assim; vêzes sem conta ocorrem em que as manobras de eros se movimentam com pureza, inocência e candidez, isentas de ciladas, insidias. Contudo, a possibilidade de ser malicioso e sutilmente perigoso justificam as desconfianças dos moralistas, como claramente deixa transparecer este tópico do grande filósofo que estamos seguindo:

"Compreendemos finalmente por que razão o moralista desconfia do método de eros, e proclama os seus perigos; compreendemo-lo tanto melhor quanto é certo que os factos confirmam os seus temores. A atitude própria do pseudo-amor que a pessoa tem pelas coisas invade muitas vêzes a pessoa, e estraga o amor que tem pelas pessoas."

Nada mais falso, mais postiço, artificial do que o amor do homem pelas coisas, pelos objetos, pelos animais. Todo amor, que não é dedicado, à pessoa, é falso amor, pseudo-amor, caricatura, simulação ridículo de amor. Não é, não pode ser amor o devotamento do homem por plantas, cães, papagaios, ou por estátuas, obras de arte, literatura, poesia e por aí fora. Tal amor, tal manifestação de ^{al-} ~~al-~~truismo, não são humanas, são sentimentos cegos, estúpidos, no sentido filosófico da palavra. Não há nenhuma segurança ou certeza nêsse amor,

nesse devotamento do homem, voltado, por exemplo, "para a consciência nula do cão".

O amor verdadeiro, autêntico, genuíno ---- o amor humano ---- é apenas o que existe entre uma pessoa e outra pessoa, não entre pessoas e coisas inanimadas ou seres irracionais. Existente também é o amor ^{que} a pessoa ^{tem} a Deus, e inversamente. Não passa de fraude, de mentira, impostura o não apregoadado e mesmo universal adágio segundo o qual se diz que "o cão é o maior amigo do homem". Falsidade. Estultitiam! Porque não pode haver amor entre pessoa e cão; o cão simplesmente habitu-se a seu dono e não a nenhum homem, nem em sentido concreto e muito menos em sentido genérico, abstrato. Em resumo, o cão é um animal adaptado aos hábitos e costumes de seu dono ou possuidor; nada mais. Simplesmente não há nem pode haver reciprocidade afetiva, "vontade de promoção mútua", entre o homem ---- ser livre ---- e o cão ---- animal instintivo. Como não há nem pode haver amor entre o homem e o gato (este habitu-se à casa e não ao dono), à gata, ou seja lá que animal for, ou ainda as flores, os pássaros.

Amor, repleto de humana artificialidade, é o que se consagra às idéias, às coisas, objetos, seres dos reinos animal e vegetal e mineral. O amor humano é o amor da pessoa e o amor de Deus; não há outro. O amor às coisas da natureza, às artes, à poesia, literatura, ao dinheiro, às jóias... sómente pode existir nas transposições poéticas; dêsse amor não há falar-se nos escritos filosóficos. E todo quanto incompreensível, filosoficamente falando, o amor de Schopenhauer pelo seu cão, ou o amor de Teófilo Gautier pelo seu gato. É absolutamente excessivo, no terreno do humanismo filosófico, isto é, na filosofia da pessoa, admitir-se que o homem possa conversar afetuosamente com um ^{cavalo,} macaco ou cão, falar-lhes com ternura de poeta ou reflexão de pensador; dirigir-lhes a palavra com lucidez implacável mesclada de ingenuidade lírica; palestrar com eles seja com refinada emoção de artista ou como um pensador absolutamente seguro de si, senhor de seu raciocínio abstrato. É a um tempo bem trágico e sumamente cômico vermos um homem afagar a cabeça de um nulo animal sem consciência, como o faz Nietzsche na rua de Milão; é certo que,

naquela hora, o arrogante e intratável "filósofo do martelo" esquecera de todo e mesmo calcara aos pés todo o amor-de-si, todo o seu intimo e profundo sentimento de humanidade. Mas, veja a crônica, reza a história, naquele triste dia o filósofo já estava louco, já era um pobre irresponsável sem razão, já se podia dizer que estava perdida para ele toda a sua superioridade intelectual.

Para terminar, será amor o amor ao picapau? Goldmund, herói trágico e solitário, sómente capuz de viver no "pathos" da tragédia, unava todos os animais, ferozes e inofensivos, da floresta imensa e negra onde muitos e longos dias vagou perdido, errante. A narrativa romanesca do trágico viver de Goldmund fá-la o subline artista que é Hermann Hesse, e a ternura pelo picapau é assim descrita pelo gênio luminoso do romancista:

"Ouviu o martelar de um picapau, e procurou surpreendê-lo; durante muito tempo esforçou-se por encontrá-lo e quando o conseguiu ficou observando como a ave subia ao tronco de uma árvore e martelava o lenho, balançando a cabeça diligente, de um lado para outro. Que pena não se poder falar com os animais! Seria tão bom chamar o picapau e dizer-lhe alguma coisa agradável e ficar conhecendo algo a respeito da sua vida nas árvores, do seu trabalho e das suas alegrias. Se fôsse possível a gente se transformar!" ("Narciso e Goldmund", romance).

É o amor às estátuas? Com este amor entramos no horror e na tristeza profunda do amor patológico, e nem ~~será~~ ^{este} será amor senão fantástica insânia. Deste amor não queremos falar; dêle realmente não falaremos, visto que tudo o que era ~~de~~ necessário ~~à~~ já foi dito.

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle, excelente filósofo cristão da atualidade, ao brilhantemente refletir e discorrer acerca da substância ou natureza essencial do amor, conclui que o circuito amoroso se realiza pela reciprocidade, isto é, o amor é um movimento espiritual de vai-vém, uma espécie de retrós anímico, de intercomunicação das almas, feita sem egoísmo mas com puro desinteresse. E, enfim, o que em economia política se chama o princípio do "do ut des" (dou para que me des).

O amor é íntima e fervorosa intersubjetividade, comunhão estreita e, se possível, perfeita das almas. O par, ou a diade amante, dá e recebe, num contínuo movimento de mutualidade afetiva, estado ideal que os verdadeiros amantes pretendem perenizar, eternizar ou fazer durar para sempre no tempo.

Procurando exprimir o sentido, a semântica espiritual e psicológica do amor, diz o Pe. Nédoncelle:

"Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre o fato de ser amado." ("Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Escreveu, igualmente, que o circuito amoroso se forma ou se constitui pela reciprocidade, ou, melhor dizendo, por "uma vontade de promoção mútua". Analisado na essência, vemos, desde o princípio, que o amor é "um dom de si"; é este doar-se incessante, este contínuo "dar-se a outrem" que, verdadeiramente, "caracteriza o impulso da consciência amante". Mais precisa e exatamente:

"Pelo simples fato de querer ajudar outrem a ser ele próprio, o amante procura obter, tanto quanto as circunstâncias e a atitude do amado lho permitem, a per-

a perfeita constituição do pleno circuito do amor. O que quer dizer que, amando, aspira, de certo modo, a ser amado: os dois movimentos conjugam-se de maneira inevitável." (Op. cit.)

Salta à vista que o Pe. Nédoncelle, antes de ^{ser} um mero psicólogo, é um verdadeiro e real pneumatólogo do amor. A pneumatologia ^{realizadas} denomina-se uma palavra que deriva do grego pneuma, que quer dizer espírito: assim, o nosso filósofo abandona ou renuncia o campo da psicologia, cujo destino é permanecer na superfície das coisas, para engalfar-se nas análises espirituais em profundidade, recortando-nos, dos temas estudados e examinados, perfis ou silhuetas verdadeiramente espirituais, de captação a bem dizer intuitiva, ou leituras do real ~~maximam~~ ^{realizadas} tão somente com a extrema e angélica velocidade da intuição poética. O intuitivo — cujo nível expressivo reside no poeta, cujo grau máximo repousa no anjo — "não pensa; ele diz o real" (Gerd A. Bornheim).

Como filósofo, puro e simples, ele "vive no espaço da análise, e sua virtude é o rigor" (esta fórmula, igualmente exata, é também de Gerd A. Bornheim). Contudo, é já soado o momento de ^{digressão} pormos, entre parêntesis esta ligeira ~~digressão~~ e retomarmos o fio, deixado mais acima, em mãos do Pe. Nédoncelle, citado na altura em que ele mostrava o significado obtido na plena realização do circuito amoroso, da circunferência que envolve o par ou a diade humana lançada nos caminhos do amor.

Na verdade, amar é dar-se a outrem. Sem tal doação — espontânea, sincera, profunda, de todas as horas, de todos os momentos — não há falar-se em amor. Nédoncelle faz a si mesmo essa interrogação, que tanto nos perturba, e responde:

"Na verdade, que significa dar-se a outrem? Comprometer-se a ocupar-se d'ele e a fazê-lo existir mais plenamente."

Só isso: "comprometer-se a ocupar-se de outrem e fazê-lo

existir mais plenamente." Nada mais que isto é o sentido que se encerra na perfeita doação de si mesmo no amor. Contudo, é preciso crer que esta análise é de molde a levar-nos mais longe; por isso, não se furta o Pe. Nédoncelle em esclarecer, com a sua visão de observador profundo:

"Mas o amante desacreditaria o valor do seu amor se não quisesse que o amado o partilhasse, transformando-se assim em amante. Querer que outrem seja amante é querer que ele ameam mim aquilo por que posso e quero amá-lo; é querer que ele me ame. "Sou seu" quer dizer: conte comigo; eu consagro-me a si. Mas a expressão é equívoca, e é lógico que o seja. Ela significa também: conte consigo para ser digno de si, e capaz de vos ser útil. Ajudai-me a ajudar-vos. Quero-vos tal que possa, eu também, colocar-me entre as vossas mãos de maneira a que possais dar-me mais valor. Pelo fato de me ligar a vós, constituo-vos de maneira a transformar-me por vós. Simultaneamente, tenho fé em vós e em mim e espero em ambos; o meu amor é, ao mesmo tempo, uma invocação que vos dirijo e que me dirijo."

Prosseguo o Pe. Nédoncelle, sempre substancialmente, sempre penetrantemente:

"Sem dúvida que, amando-vos, quero em primeiro lugar que sejais valeroso, e que a vossa generosidade se desvie talvez de mim para se voltar para o mundo e o valorizar. Assim acontece no amor conjugal e na amizade: quero que outrem saiba esquecer-me provisoriamente, se este abandono for necessário para que cumpra melhor a sua tarefa; quero, em certas circunstâncias, que vá até àquêles que dele têm necessidade, antes de se ocupar de mim, que posso pensar o seu auxílio; quero, numa palavra, poder estimá-lo. Assim é sobretudo o amor parental: a sabedoria popular diz que não

educamos as crianças para nós, e que o amor desce a linha das gerações em vez de a subir..."

Belas expressões, nobres palavras. Sábias deduções. A elas seguem-se outras, igualmente verdadeiras e singularmente significativas:

"Mas --- conclui o Pe. Nédoncelle ---, sendo fiel à minha exortação amorosa, o amado recompensa-me profundamente, no próprio momento em que parecerá ignorar-me. E como poderá deixar de me encontrar ainda, no termo da sua benfatora expansão? Como me excluirá do seu horizonte, não me tomando como fim do seu ato? Foi unicamente da sua obra que me afastou, e tão-só na aparência; mas não me afastou do impulso que a inspira. Tirou de mim próprio as mais nobres razões do seu afastamento, porque eu lhe disse: "Se me amas, abandona-me."

O ciclo dos pensamentos porém prossegue:

"Apesar dos sacrifícios e dos adiantamentos, não posso ser banido do circuito que conduz o amado até mim; e, de resto, seria contraditório que o fôsse. A viagem do amado não terminaria se não terminasse em mim, depois de ter, de certa maneira, englobado um universo de outros mim. Mesmo nos casos meritórios, em que uma distância física é moralmente indispensável à obra amorosa, o amante quer de maneira implícita que o amado, partindo dele, a ele volte finalmente."

Não vacilarei em dizer que em Nêdoncelle encontramos a mecânica profunda e por assim dizer submarina do amor humano, pelo menos quando pneumáticamente entendido. Ai está a dinâmica interna do amor, segundo o espírito e a verdade.

No amor, há uma roda em que o eros se comunica com a ágrape, girando sobre si mesma, em circuito, em circunferência. Nem um, nem outro prevalecem: amalgamam-se, anastomosam-se ^{em} numa e maciça simpatia; são dois formando um. Ou, como diz o Pe. Nêdoncelle: "Um eros sincero conduz à ágrape; uma ágrape sincera reconduz ao eros; cada um conduz ao outro, continuando presente cada um deles no outro, uma vez que a ele foi conduzido."

Finalizando:

"O amante — diz o ensino nêdoncelliano — o amante que compreendeu a importância do eros (amor centripeto, amor do melhor, que aspira elevar-se a um estágio melhor) não quer a outra consciência como um instrumento que subordina a si próprio, senão que como ^{um} fim igual, ou talvez superior, a si próprio. ^{E observação} ~~Observação~~ análoga será válida para o amante inspirado pela ágrape" (amor centrífugo, o "dom e o sacrifício de si pelo ser amado, não sendo, de modo algum, motivado pela excelência do amado").

"Ergamos estas observações humanas ao nível do princípio que as sustenta, e não descobriremos a unidade transcendente: disse e ensinou Plotino em Alexandria que Deus é o próprio eros; bem compreendida, a sua definição ilumina-se e termina na palavra joanina: "Deus é ágrape."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Fizemos menção, em outro ensaio que escrevemos acerca do amor, no pleno e constante exercício de nossa atividade na seara do jornalismo literário, ^e em uma tese do Dr. Nygren, exposta em seu livro Eros e Ágrape, que desfrutou momentosa notoriedade por ocasião de seu aparecimento, no ano de 1944. Os meios intelectuais e espirituais europeus agitaram-se no período, recebendo em cheio e comentando com fervor as idéias do pensador luterano, destacando-se, entre os comen-^{nobres} tadores, a figura intelectual^{mente} bastante expressiva do Pe. Maurice Nêdoncelle, filósofo cristão, ou, melhor, católico, filiado à corrente de pensamento a que se tem dado o nome ou a classificação de espiritualismo existencial, lançado em viva oposição à poderosa mas falsa doutrina do existencialismo ateu, materialista e anticristão.

O Pe. Nêdoncelle é um pensador do mesmo porte ou envergadura moral e intelectual de um Gabriel Marcel, insere-se na linha ou no nível dos melhores pesquisadores da espiritualidade cristã; pode, sem exagero e com justiça, ser emparelhado aos mais altos doutores da chamada era apostólica da Igreja, na qual, como sabemos, brilharam intensamente Inácio de Antioquia, Policarpo, Justino, Tertuliano. Ireneu, Hipólito, Clemente de Alexandria, Orígenes, João Crisóstomo, Cipriano o Africano, Santo Agostinho...

Em sinopse ligeira, ou em síntese cruelmente abreviada, a tese do Dr. Nygren é vasada nas palavras que se vão ler:

"Há duas espécies de amor. Um é eros: é o desejo do melhor, a aspiração aristocrática do mim humano que quer elevar-se a um estágio divino. Só pode satisfazer-se tomando como objeto o próprio Deus. É motivado pela percepção da beleza que reside nesse objeto supremo. O outro tipo de amor é ágrape: é o

dom e o sacrifício de si pelo ser amado; cria o valor do seu objeto; é espontâneo e gracioso; e não é, de modo algum, motivado pela excelência do amado. O eros é centrípeto, a ágape é centrífuga; são dois movimentos espirituais que nada têm de comum." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Diremos ainda, para incluir esse resumo nos caixilhos da dissertação, para introduzir essa sinopse no quadro ou sob o arco da explanação, que — segundo o Dr. Nygren — a Grécia conheceu eros; a Cristandade revelou-nos ágape. Encontramos na obra dos filósofos gregos, na sua altíssima mensagem ou ^{plataforma} ~~plataforma~~ intelectual, a pesquisa do fenômeno erótico, no sentido natural da expressão; já o cristianismo, em seu sublime testamento espiritual, fala-nos seguidamente do sentido sobrenatural do amor.

"Se ficarmos na perspectiva helênica, o amor exprime a natureza do homem e corresponde à sua tendência para a perfeição. Não podemos, decerto, confundir a Venus popular e a Venus celeste: é claro que eros é nobre. Mas nem por isso deixa de ser um egoísmo superior."

Concepção grega de eros: "a alma humana tem um valor divino introduzido no fundo de si própria"; "o fim ~~única~~ ^{única} é a divinização do mim." — "Pelo amor, abre-se a alma ao desejo de alcançar a perfeição absoluta, da qual aqui em baixo está exilada, dela guardando uma nostalgia indestrutível. O amante está apaixonado por si próprio e, em consequência disso, procura possuir Deus a fim de se tornar divino. Quanto ao amor pelos outros seres humanos, nestas condições, não pode ser mais do que um instrumento para chegar até si e até Deus."

Concepção cristã da ágape: A ágape é "o amor sobrenatural que emana do próprio Deus e que nele só tem a sua subsistência; desce

gratuitamente até nós, em consequência de um sacrifício do Altíssimo. Nós que somos o seu objeto e que o recebemos, não somos mais do que criaturas miseráveis; o nosso mim não tem, em si próprio, nenhuma amabilidade e como é vividamente dito e acentuado na teoria de Platão sobre o amor), nenhum direito, nenhum valor intrínseco. Se amamos o próximo, é porque a ágape divina, ao atravessar-nos, nos leva a agir assim, como uma causa eficiente e não como uma causa final." — "O homem é amado pelo homem porque o dom que vem de Deus o exige; e esse dom é inteiramente desinteressado: é puro de qualquer infiltração egoísta", de qualquer egolatria exaltada. "Só a ágape respeita e funda a verdadeira "filantropia". Tanto assim é, que o preceito evangélico impõe-nos, categoricamente e sem condições, o amor aos nossos inimigos.

Tal é a estrutura fundamental da tese de Nygren, aqui espolhada em ligeiros esquematismos mentais, abraçada em panorâmico arcabouço intelectual, isenta de elucubrações sutis ou muito extensas.

CRÍTICA DA TESE DE NYGREN

A tese de Dr. Nygren é de fundo luterano e portanto reflete um pensamento anti-católico, no seu modo ou na sua forma de compreender o amor humano. Feitas e bem feitas as contas, maduramente sopesada e analisada, há-de rejeitá-la o pensador católico; isso, justamente, é o que faz o Pe. Nédoncelle, depois de refletido exame da questão. A recusa do espiritualista existencial é formal, é sólida, malgrado tenha resultado de ligeira hesitação inicial; é o que ele próprio confessa ao criticar, filosoficamente, a tese posta em foco. A tese de Nygren é a de um verdadeiro "sedutor espiritual"; contudo, não se pode negar que é

"nitida, elegante e radicalmente dualista. Presta-se, por vêzes, a admiráveis desenvolvimentos. Mas confesso que, ponderando-a bem, não posso aceitá-la."

Projetando a tese e seus fundamentos no seran da análise

mais aguda e fina, percebendo-a de modo conscienciosamente filosófico e inatacável, prossegue dizendo o Pe. Nédoncelle:

"Criticarei, em primeiro lugar, o fato de ela anular a parte do homem, e de tornar impossível qualquer diálogo entre a criatura e o Criador, ou até, num plano mais geral, entre o amado e o amante. Tal tese suprime a idéia dum regresso amoroso, deixando apenas subsistir a solidão divina.

"Na realidade, a que pode reduzir-se a resposta que damos ao Senhor? A uma aceitação da graça? A uma obediência? Mas será isso o amor? E no caso de o ser, tratar-se-á de eros ou de ágape? Se se trata de eros, a atitude do amado é egoísta e condenável. Se se trata de ágape, deve surgir sob uma forma que possa brotar da criatura. Ora, ao que me parece, esse não será o amor tal como baixa de Deus, sem ter encontrado ainda o nosso ser, mas tal como se insere em nós para renascer e voltar a subir, com originalidade, até Deus."

Vemos, por aí, como — não ferindo nenhum dogma — a pesquisa católica pode ser e é, de fato, a mais ampla e livre, isenta de qualquer peia ^{ou} freio. Santo Agostinho escreveu, significativamente, de muito profundo e penetrante, sobre a caritas, que Nygren afirma ser "uma mistura da ágape neo-testamentária com o eros grego", noção foi aceita e difundida pelos teólogos da Idade Média."

Na teoria de Nygren deparamos, segundo Nédoncelle, a inexistente noção da ágape cristã, pelo menos em parte; é inaceitável, porque já condenada, a "noção de um bom eros", bem como a "noção de uma espécie de graça criada que descobre a ágape e faça de nós os imitadores de Deus, elevando a nossa natureza ao estado sobrenatural, sem destruir a sua espontaneidade pessoal."

"Na comunhão com Deus, o nosso mim é salvo da sua pretensa perversão profunda: a

personalidade responde livremente àquele que a chama; abre-se à transcendência, em vez de ser excluída por ela. Mas, a partir desse momento, deixamos de seguir Nygren nas vicissitudes do amor divino que se ama em nós. Abandonamos a sua tese para salvar a possibilidade dum comércio humano." (Maurice Nédoncelle, op. cit.).

Mas isto, evidentemente, não é só; há, ainda, que ressaltar outras imperfeições e inexactidões na tese de Nygren. Assim, erra ou engana-se ele quando quer mostrar que "a obediência à graça não pertencerá nem ao eros nem à ágape." Esta hipótese é falsa, sua aparente sedução intelectual desaparece logo ao primeiro sopressado uma análise atenta e fria. Esta afirmação de Nygren é iludida e enganosa, porque, segundo toda a evidência, "por definição isso já não será amor, dado que este, como se afirma, apenas pode tomar as duas formas indicadas. Porçoso será portanto concluir que, para Nygren, a criatura amada por Deus é incapaz de amor. Se Deus espera alguma coisa de nós, essa coisa não poderá ser mais do que a docilidade do escravo. A liberalidade divina deverá, nestas condições, ser considerada como uma obra amante?"

"E o poder absoluto dum artista que faz surgir passividades, e não o dom de uma bondade que faça florir as pessoas."

"A atitude da alma submetida a Deus tem um nome, e esse nome é a fé." — No que toca à tese de Nygren, como acima ficou enunciada, devemos a ela renunciar, ou então, em caso contrário, "negar qualquer parcela de generosidade no homem."

seu redor se havia desfeito, deixando-o abandonado e miserável. Seu amor cresceu, contudo, de tal maneira, que preferiu consumir-se e morrer em sua fogueira do que renunciar à posse daquela mulher. E então sentiu que sua paixão devorava em si tudo aquilo que não fôsse amor, tornava-se poderosa e impunha à amada distante uma imperiosa atração, fazendo-a correr para si. Mas quando abriu os braços para recebê-la, achou-a transformada, e viu e sentiu, surpreendido, que atraía para si todo o mundo perdido. Lá estava o mundo diante dele, ofertando-se por completo; céu, bosque e regato voltavam a ele com novas cores, cheios de vida e de luz, pertenciam-no e falavam sua linguagem. E em vez de ganhar apenas uma mulher, tinha o mundo inteiro em seu coração e cada uma das estrelas do céu resplandecia nele e irradiava prazer em toda a sua alma...

E a misteriosa e atraente contadora de histórias rematava filosoficamente o seu relato, tão formoso quanto profundo, desta forma:

"Havia amado" (o homem que a princípio amava sem esperanças). "Havia amado, e amando encontrara a si mesmo. Mas a maioria dos homens ama para se perder em seu amor."

A essência da filosofia amorosa de Hermann Hesse resume-se nos seguintes conceitos: Quem ama deve amar intensamente, com a máxima intensidade possível. É a intensidade a alma do amor. O homem não deve entregar-se a desejos nos quais não acredita. Os desejos fracos, débeis devem ser abandonados ou esquecidos; "os desejos devem ser desejados de verdade e totalmente". É preciso desejar com plena segurança, com a firme e tensa idóia de que se vai conseguir ou alcançar o que se deseja. Quem ao mesmo tempo teme o desejo não ama, verdadeiramente. É preciso "crer fixa e seguramente na obtenção do desejo"; do contrário, nada se consegue.

"O amor não deve pedir; nem tampouco exigir. Há de ter a força de chegar em si

UBIRAJARA ROCHA

Das diversas e estranhas teorias que explicam o amor todos parecem ter vislumbres exatos e verdadeiros, ainda que muita vez tudo isso não passe de intuições vagas, longínquas e débeis.

Hermann Hesse, romancista e artista de gênio, legítima glória da literatura ocidental moderna, criou páginas de suma beleza e perfeição acerca do "amor, eterno amor". Descreve ele, talvez como o poeta, o amor que se temha feito, o amor que atormenta o adolescente ingênuo e inexperiente, ardentemente faminto de um duplice sentimento ou ambivalência sentimental, em que se fundem, sem possibilidade de separação, amor ~~caro~~, espiritualidade e imundície da carne.

Amor puro e sublime da alma, estritamente unido ao desejo asqueroso e imundo do animal — eis o amor que agita o adolescente, enchendo-o de confusão e desorientação. O adolescente ama simultaneamente com o espírito e com o corpo e por isso teme e deseja o amor.

Uma das estranhas, perturbadoras e affascinantes personagens da ficção novelesca de Hermann Hesse — a mulher amada, no enigmático e maravilhoso romance "Demian" — analisa e responde a espinhosas interrogações acerca da natureza misteriosa do amor. Tal personagem é Eva, símbolo da Vida, da Liberdade; ^{conta ela} ~~narra~~ fábulas encantadoras e que encerram o sentido profundo da vida dos sentimentos que torturam e dilaceram o coração, tanto do adolescente como do homem em geral. São histórias imaginativamente belas e profundas, nada fantásticas e que trazem à tona os segredos ocultos ou as realidades mais íntimas da alma do homem. Uma dessas histórias, contadas por aquela mulher sensualmente madura e finamente espiritualizada, é a seguinte lenda:

"Era um homem que amava sem esperanças. Tinha-se encerrado inteiramente em si mesmo e imaginava que se ia consumindo na chama de seu amor. O mundo ~~desapareceu~~ ^{desapareceu} para ele. Não via o céu nem o bosque verde; não ouvia o murmúrio dos regatos nem os sons da harpa; tudo em

mesmo à certeza e então passa a atrair em vez de ser atraído." O objeto amado, em sendo intensamente amado, atende ao chamado ou pedido que lhe fôr feito. Ninguem ~~querer~~ quer uma dívida, mas uma conquista."

Mas --- pergunta-se naturalmente --- um ser sem personalidade, sem profundidade, sem espírito pode verdadeiramente amar? É duvidoso. Um ser simplesmente materializado --- vegetalizado --- apenas poderá, de certo, desejar, tentar satisfazer os anseios e impulsos puramente corporais. Assim sendo, não ama a maioria dos homens, porque estes, em quassaque totalidade, é rude e grosseira, não dispõe de alma, de sentido espiritual.

A comunidade humana é geralmente formada de "homens desnudos", espiritualmente falando; são semelhantes a "pobres cães fracos", sem destino, alimentando-se de ossos roídos de sonhos mortos, bem diferentes dos que ^{se} erguem solitários sobre a terra, tendo a seu lado somente os gládios espaços infinitos." Raramente se encontram homens que sofram como Jesus no Horto das Oliveiras.

A terrível mediocridade dos rebanhos humanos! "Que espetáculo miserávelador..." Não vemos homens mas carneiros... Carneiros que "tão temerosamente se congregam" porque "estão cheios de medo e de maldade", nenhum se fiando no outro. "Mantém-se fiéis a ideais que já não existem, e atacam, furiosos, os que tentam erigir outros novos."

Este carneiro, este cão desvalido como poderá sentir amar? Não, ele não pode. Não tem espiritualidade bastante ou suficiente para isso. Falta-lhe nobreza, profundidade, qualidade para isso. São cascas vazias; meros fragmentos cascaços de homens. Nenhum deles é um homem realmente vivo, um homem palpitante e real: são sombras... Apenas conservam a possibilidade de se tornarem homens. Eles, simplesmente, estão aí, como ~~objetos~~ ^{árvores} ou coisas, como pedras, ou ~~árvores~~ ^{árvores} res... Disse Hermann Hesse, pela boca de um de seus estranhos ~~personagens~~

personagens de ficção, ou seja, o Pístorius da novela "Demian":

"Não creio que se possam considerar homens todos esses bipedes que caminham pelas ruas, simplesmente porque andam eretos ou levam nove meses para vir à luz. Sabes muito bem que muitos deles não passam de peixes ou de ovelhas, vermes ou sanguessugas, formigas ou vespas. Todos eles revelam possibilidades de chegar a ser homens, mas só quando as vislumbram e aprendem a levá-las em parte à sua consciência..."

Rare, bem raro é o homem de hoje que "sabe desprender-se de sua pele gasta", que sabe "temperar sua grossa casca" e alçar uma "fronte alta e livre": não saem, nunca, da abominável escala burguesa.

Mas Hermann Hesse já havia dito, nas profundas palavras de introdução à sua novela, estas sentenças que tão bem revelam a profundidade de sua inteligência e de seu espírito:

"A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, e seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos ou formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. Mas, cada um deles é um impulso em direção ao ser. Todos temos origens comuns: as rãs; todos proviemos do mesmo abismo, mas cada um --- regula

--- resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial --- tende a seu próprio fim. Assim é que podemos entender-nos uns aos outros, mas somente a si mesmo pode cada um interpretar-se."

De tal modo é isto verdade que já disse o filósofo que o homem é uma flecha que voa para a sua meta, que se dispara para um alvo. O homem é capaz de elaborar-se a si mesmo e lançar-se em direção de seu objetivo. Mas a maioria permanece até o fim, até à morte, tendo o poder obscura, ríles, amaria, medorrenta, morta, apagada, jamais ~~passa~~ da sair da circunferência de sua própria e imensa inexpressão. Para estes não há estrada de Damasco, nem beleza, nem arte, nem amor, nem amor... Nem nada que chegue, que transcenda, que verticalize até Deus...

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

OBSERVOU, genialmente, Oscar Wilde, num daqueles seus constantes lampejos de profunda e verdadeira intuição das realidades humanas, que o impulso ou anseio primordial do amante dispara antes no sentido de destruir do que de conservar o objeto de seu amor. Geralmente, tendemos todos mais a aniquilar do que sustentar e que amamos. Assim poetou, filosoficamente, e extraordinário artista na "Balada do Cárcere de Reading":

...~~Nedathum~~ mata Quilo que adora

...tudo o homem mata e objeto de seu amor

Esta é a idéia central, a visçera cruenta e palpitante de todo amor humano. Mas como, segundo o artista único e incomparável, se realiza esta fatídica e amorosa obra de destruição do objeto amado? As formas que assumem esta morte por amor são muito variadas e correspondem às diversas modalidades dos temperamentos humanos: Assim, por muito amar, por amar cegamente, por amar sem jamais poder sair da cegueira de seu amor, Oteu matou Desdemona. As outras formas de matar por amor são descritas por Wilde, nestas estrofes imaginosamente ricas e perfeitas:

Alguns procedem com dureza no olhar,

Outros com uma palavra lisonjeira.

O covarde fá-lo com um beijo,

Enquanto o brave o faz com a espada!

Não é só; há mais; na tragédia estética e humana da morte que se dá por amor:

Uns matam o próprio amor quando ainda jovens,

Outros o fazem na velhice;

Uns estrangulam com a mão da luxúria,

Outros com a mão de Ouro:

O que é bendito faz uso do punhal,

Porque a morte assim vem mais depressa.

Mas, geralmente falando, com que estado de espirite mata o homem o que lhe é mais querido, mais ardentemente desejado. Dizes o poeta de expressões puras e brilhantes:

Uns amam pouco tempo, outros demais,
Uns vendem, outros compram;
Alguns praticam a ação com muitas lágrimas
E outros sem um suspiro, sequer

Dessarte, todo amor profundo demais está condenado à morte; esta condenação é a sua dialética interna, fatal, irremediável, porque o ser não descansa enquanto não o mata, talqualmente a criança que não sossega enquanto não destrói o brinquedo que mais ama.

Tentação fatal, maldita! Nada podemos ^{possuir} do precioso e rico, porque logo alimentamos a idéia satânica de vê-lo reduzido a cinzas, reduzido a nada.

Podemos dizer, sem medo de errar, que, no fundo do sentimento de amor, permanece um resíduo forte e dinâmico, atuante, de perversidade, de crueldade fria e atroz. Há uma centelha cruel e fria de ódio no fundo de todo amor. Quem ama geralmente é cruel; esta realidade psicológica é geralmente muito verdadeira em relação às mulheres. A mulher, quando ama, é geralmente cruel, muito possessiva e imperiosa; geralmente falando, seu amor é mais ódio do que outra coisa.

Um grande e sensível amor pelo homem, pela humanidade em geral inspirou a Santo Agostinho a sua cruel doutrina da Predestinação. Foi por odiar a humanidade ou toda a gente que Agostinho idealizou essa bárbara e sombria doutrina? Não; foi por amor que o santo ^{concebeu} doutrina da Igreja a ~~manmanha~~ e ~~estabeteu~~.

Espantosamente cheia de amor é esta doutrina agostiniana. Por muito amar o ser humano praticamente e aterroriza, até o ponto de intrinsecamente destruí-lo.

Doutrina banhada de terrível amor! Amor ensofado de crueldade lúcida e fria. Amor que despedaça o ser, que o gela para sempre

o riso nos lábios do pobre e assustado pecador. Não tendo recebido a graça de Deus, não sendo eleito do Senhor, não sendo predestinado à salvação, o pobre desgraçado está previamente condenado ao fogo do inferno. Isto é amor?

Em realidade, a doutrina de Agostinho é profundamente triste e desoladora, porque quem há por aí que não seja pecador? Não é o homem, desde que nasce, o Pecado, o próprio Pecado? A mesma criança, pura, ingênua, inocente, é a própria personificação do Pecado. Assim sendo, quem se salvará? Quem não será precipitado nas trevas exteriores, no terrível abismo onde há "ranger de dentes e gemidos inextinguíveis"?

Quem se atreverá a dizer que está salvo, na hora terrível, na hora patética e derradeira da morte? Ninguém, digo eu. Ninguém.

Horrible é esse amor que despedaça, que destrói justamente o que mais ama. Amor bárbaro, sem justiça. É inadmissível essa desesperadora idéia, que também "pára obscuramente sobre e Antigo Testamento", e que "faz réprobos de nascença, criados pele e para o inferno". É essa mesma idéia que jaz nas entranhas, nos tecidos profundos da "velha idéia bárbara da Predestinação."

Coisa mais cruel para o coração somente a ~~ideia~~ ^{ideologia} teológica que diz que Deus tenta o homem. Realmente falando, Deus tenta o homem? É possível admitir isso? O ser sumamente poderoso ou onipotente poderá encontrar prazer em tentar, em experimentar as forças e a resistência de um ser sumamente fraco, inerte e desvalido tal qual é o homem? É difícil pensá-lo; contudo, é o que afirmam os amigos da verdade e das sutilezas bíblicas. Esta tentação, atribuída a Deus, é o que faz da história de Jó uma das histórias mais trágicas e dramáticas de todas quantas se tem notícia.

A teoria da predestinação, nascida de um amor cruel, surdo e até selfíco pela gênero humano, impede que se tenha compaixão por qualquer pecador. Esta compaixão somente a pode ter Deus, não o homem. "Que preceito mais duro venstará da Lei?" A sorte do pecador — do réprobo — está de antemão lançada. Que selvagem melancolia,

que imenso terror isto não inspira ao pobre pecador. Ele nada pode fazer por si mesmo; tudo depende da Graça de Deus, tudo está nas mãos de Deus, que o salvará ou não, entregando-o salvando-o das eternas penas e aflições do inferno. Há justiça nisso? E duvidoso, muito duvidoso que haja.

Quem suportará com tranqüidão, com impassibilidade esta idéia da filosofia agostiniana, calcada no Antigo Testamento? Por isso exclama Michelet:

"Per Deus, libertem-me do Amor!"

Porque, como vimos, é o amor o responsável pela doutrina da Graça salvadora, substituindo a doutrina da Justiça. Se fôssemos tratado por Deus com justiça e não com a graça, no seu julgamento derradeiro, teríamos, pelo menos, a nesse favor, as "circunstâncias atenuantes".

"O eleito é quase um impossível." O predestinado é efetivamente uma raridade. Somente o santo, o puro "homem de Deus", poderá aspirar ser um deles; ninguém mais, de certo. O resto se funde no desespero, no grito agoniado do gênero humano, prévia e irremediavelmente perdido e condenado. Lá diz novamente o gênio lúcido e claro de Michelet, em belo trecho de sua prosa tão imaginativa e pura:

"Talvez esta montanha do Dogma tenha esmagado mil anos o coração da Justiça; talvez assim contasse as horas, os dias, os anos, os longuíssimos anos... Ai está, para quem pode senti-lo, uma fonte de lágrimas eternas."

"O que mais me veio ao coração, foi a longa resignação, a decência, a paciência, o esfôrço que a humanidade fez para amar este mundo de ódio e maldição que a esmagava."

"Quando o homem que se desfêz da liberdade e da justiça, como dum objeto inútil, para se confiar cegamente às mãos da graça, a viu concentrar-se toda num ponto imperceptível,

os privilegiados, os eleitos, e todo e resto perdido na terra e para a terra, perdido para a eternidade, — ireis super que se ergueu de toda a parte um rugido de blasfêmia. — Não; apenas se ouviu um gemido....

"E estas palavras comoventes: "Se vós que eu seja condenado, seja feita, Senhor, a Vossa Verdade!"

"E todos se envolveram pacificamente, submissos, resignados, na mortalha da condenação."

Condenação do desespero, da dúvida mais amarga e cruel! Condenação após a escravatura do mundo, neste mundo, como prelúdio de fogo infernal. Primeiro a condenação à escravidão neste mundo, depois a condenação eterna! Realmente muito bonito: "

"Primeiro, uma vida de dor, depois, por consolação, o inferno!... Condenados de antemão!..."

Como se há-de conciliar esta estranha doutrina com a doutrina do Juízo Final, sustentada pelas igrejas cristãs?

"Não é uma barbaridade manter na incerteza, sempre suspensa sobre o abismo, aquele que antes de nascer, já está votado a esse abismo, já lhe pertence?"

bem

Ouçam em isto: "Antes de nascer!... A criança, o inocente, criado de propósito para o inferno! Mas que digo eu, — inocente? Está nisso o horror do sistema: é que já não há inocência."

"A criança precita! Chaga profunda, espantosa, do coração materno! Quem a sondasse bem, encontraria lá agonias bem superiores à da morte."

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle é escritor de nota da literatura filosófica ocidental dos últimos tempos; seu nome brilha como estrela de primeira grandeza no zodiaco da filosofia contemporânea. E, com efeito, em suas melhores horas, um escritor de vida intelectual muito profunda, um filósofo de grande merecimento, ^{um sábio} de inegável luminosidade intelectual.

O Pe. Nédoncelle, como é chamado pelos que mais intimamente conhecem a beleza e a profundidade de seu pensamento, é um extraordinário e inestimável transmissor de idéias originais e brilhantes; é autor de livros assás estimulantes para a inteligência curiosa e indagadora e, mesmo na França de grandes artistas da palavra, sabe movimentar profligiosamente bem a língua, revelando possuir capacidade de expressão à altura de sua capacidade de pensar. Diremos, enfim, para resumir, que este filósofo cristão escreve bem porque escreve significativamente; ~~significativamente~~ está, afinal, é a fórmula que caracteriza todo bom escritor, observação com a qual certamente não-de concordar os melhores ou mais lúcidos críticos literários.

Os ensinamentos deste claro filósofo sobre o amor são deveras interessantes, aparecendo nas páginas singulares e atraentes de seu formoso livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa", vertido para a língua portuguesa em 1961 em Lisboa. Dessa tradução encarregou-se o distinto mestre de filosofia Manuel Breda Simões, fazendo-o com cuidado e esmero, conseguindo, com seu vivo instinto pedagógico, imprimir talvez mais força e lucidez à vitrea nitidez do estilo nédoncelliano. Já no pórtico ou vestibulo de seu belo e admirável livro, nas páginas densas que burilou e que estampou à guisa de introdução, dedicadas inteiramente a um estudo panorâmico ou genérico do amor, escreve este nosso filósofo, qual Êmulo de Platão, adversário denodado e fidalgo do materialismo cru, derramando intensa beleza ~~insigna-~~

imaginativa e fantasia em seus escritos filosóficos e poéticos:

"Basta debruçarmo-nos à janela e olharmos para as pessoas que passam na rua para constataremos, em poucos minutos, a estranha diversidade das relações humanas. O homem foge do homem, e ignora os seus companheiros de estrada. O homem desafia o homem, e entrega-se aos movimentos estratégicos da concorrência ou da luta. O homem ama o homem, e estremece de alegria à sua aproximação. As relações das consciências formam sempre sistemas completos que têm os seus fins e os seus meios próprios. São mundos no mundo, e estas esferas de atitudes inumeráveis podem, apesar da sua originalidade, comunicar entre si."

É com tal força e vitalidade, com tal originalidade de conceitos imprevistos e belos que o Pe. Nédoncelle, inimigo nato, orgânico, visceral, profundo do gládio e torve punhado de existencialistas ateus, que, atualmente parecem dominar o campo da filosofia ocidental, com Sartre à frente — escreve a respeito do amor, na primeira parte de seu livro ao mesmo tempo encantador e profundo. Põe de manifesto este filósofo, cuja forma segue a linha tradicional francesa de clareza cartesiana, a clairté límpida e luminosa que desde o primeiro lance de vista nos leva a discernir o escritor clássico, a impecável e compacta fórmula de Kierkegaard: "Filosofar não consiste em fazer discursos fantásticos; é aos existentes que falamos." Conceito altamente verdadeiro que afina com estoutro, de Gerd A. Bornheim: "O filósofo vive no espaço da análise e sua virtude é o rigor."

Prosseguindo em sua explanação diz o Pe. Nédoncelle, sempre repleto de substancialidade e significação superior:

"Passamos a cada momento de (uma esfera de atitude) para outra; criamos ou repeti-

repetimos perante outrem um modo de relação que reorganiza imediatamente toda a série das nossas outras relações. Cada olhar tem uma virtude mágica, porque é um ato que transforma as nossas perspectivas; e a rede das consciências solidárias, lançadas conjuntamente na aventura da existência, desfaz-se, refaz-se, e coloca-se em cada novo encontro. Determinamo-nos pela promoção sucessiva de instantes que irradiam; modificamo-nos pela mudança das nossa visões ^{mas} ~~mas~~ sociais, e a própria sociedade muda pelo fogo cruzado dos olhares que contém."

Uma dessas esferas em cujo centro todos vivemos, talvez ninguém possa deixar de viver ou de mover-se constantemente, é o amor. O amor é uma esfera inter-humana — é intersubjetiva — vai e vem, como um retrós, de uma subjetividade solitária para outra. "Nela — acrescenta o Pe. Nédoncelle — descobriremos, em breve, mil domínios; e, logo de início, a sua variedade submerge-nos." Excelente, belamente pinturesca é a visão que desta polifacética situação tem o filósofo:

"Eis um par, ternamente abraçado, que avança em êxtase: é, sem sombra de dúvida, um comportamento amoroso, e, ao que parece, um estado de alma amante. Mas eis agora uma mãe que embala o seu filho: é ainda amor. E este ecologal que conduz o seu irmãozinho pela mão, pronto a defendê-lo contra a brutalidade dos "grandes": é ainda amor. O aperto de mão que dou ao meu amigo, a esmola que introduzo na caixa do mendigo cego, a amarga generosidade do sacrifício obscuro... que quantidade de aspectos! Os quereres que protegem e as sensibilidades que se

protegem e as sensibilidades que se submetem, o claro câmbio de um dom igualitário, as lágrimas que imploram o perdão ou que o concedem, a visita ao doente, o ódio de Hermione e a face erguida sobre Isaac, — nada de comum entre todas estas coisas, salvo o amor que as provoca."

Realmente é o amor um poliedro, um labirinto, um caleidoscópio, um pleorama em contínuo, febril, agitado movimento. Censigo traz uma imensa massa de problemas, todos palpitando sem cessar nesse misterioso e enigmático núcleo de problemas, chamado o "território humano", filosoficamente flutuante, indefinido, ou até angustiosamente impreciso. O amor é polifacético como polifacética é a personalidade humana, espectro provocante, cativante e sobre o qual parece impossível dar uma definição precisa, exata.

Qual é o problema central, capital do amor? Responde-nos o Pe. Nédoncelle, com a sua costumeira segurança de conceitos espirituais:

"O problema inicial que o amor impõe ao filósofo é, sem dúvida, o da determinação da sua essência psicológica."

Por conseguinte, ao filósofo compete, como missão principal no estudo do amor, "esforçar-se por esclarecer, em primeiro lugar, a identidade que se espalha e se esconde na diversidade das situações." Deve o filósofo ter, por primeira intenção, nesses delicados e complexos estudos, o conhecimento do "gênero móbil que está imanente nas espécies e que, por vezes, nelas se agita em estranhas e dilacerantes metamorfoses." Impõe-se a interrogação:

"No seio dos amores, que será o amor?"

"Por outro lado — prossegue o Pe. Nédoncelle —, a atitude íntima é, na verdade, sempre acompanhada por uma expressão e por uma tarefa. A consciência que ama dá pelo menos ao amado os seus

pensamentos; e, por vêzes, lança no seu circuito a força duma influência material; ajuda o amado, e, ao mesmo tempo, afirma o seu querer através dessa ajuda. Se o sentimento é recíproco e feliz, um trabalho comum sela a união. O nosso segundo problema será: ---quais os caracteres da obra amante, e que relação tem esta com a intenção amorosa?"

Derradeiramente, em final de análise, depois de não só feitas mas bem feitas as contas, temos de refletir melhor e considerar que

"o amor visa valores. Ele próprio é, ao que parece, um valor."

como
E se o amor é um valor, como efetivamente se tem dito e pensado, então não se poderá desdenhar de um terceiro problema --- "o mais metafísico e o mais difícil" --- e que outro não será senão o de "discernir a consistência e a dignidade profundas do amor", distinção esta que é, "afinal, o nível ideal em que se situa, e o lugar que lhe compete na própria realidade."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Uma reflexão autenticamente filosófica jamais irá ao ponto de admitir que se introduza o egoísmo no seio do ~~amor~~ ^{desinteresse}. Tal afirmação, é bem certo, não pode ser registrada nas atas da filosofia do amor, e o pensador que porventura a quisesse sustentar imediatamente veria levantar-se contra si uma onda impetuosa de gritos e protestos. Não, o amor não é, não pode ser egoísmo e sim desinteresse, sacrifício, renúncia, abandono de si, de sua mais cara independência, de sua liberdade, enfim. Tal é, pelo menos, o que refletem os metafísicos.

O filósofo, que acaso afirmasse que o amor é um egoísmo a dois, incorreria no ridículo, criaria contra si uma nuvem de ~~desmentidos~~ ^{autores} veementes, seria apontado como um falso pensador; uma tal afirmação seria indubitavelmente tachada de escândalo e o seu seria abertamente acusado de "tomar as quimeras como realidades" ou de converter o mais doce e perturbador dos sentimentos num impulso grosseiro de auto-estima, totalmente invadido de materialismo cru. No entanto, não podemos substituir a realidade por palavras; não nos é lícito fazer com que as palavras criem a realidade e, assim, viver no mundo falso e postiço da oratória; é simplesmente artificial dizer que o amor humano não viva, essencialmente, do desejo de ser amado, da busca impetuosa da reciprocidade afetiva. Maurice Nédoncelle, genuíno pensador cristão que também havemos de reconhecer como sendo um autêntico filósofo do amor, não cai na insensatez, não tomba na fantasmagoria, no delírio quando afirma, convincentemente, que o amor é ^{verdade} procura ansiosa de reciprocidade, ~~mas~~ apaixonada de auto-realização através de uma "promoção mútua".

O excelente Pe. Nédoncelle é notavelmente exato e senhor de seu elevado pensamento cristão quando assegura que o amor nada mais é do que o amor-de-si, refletido e realizado através de outrem. Neste sentido tem em conta uma realidade forte, vital, indiscutível, que é

é a própria realidade psicológica do amor, a própria dinâmica interna do fenômeno ou do mistério amoroso. Dessarte, o amor não é sólido, não é devaneio solitário, sonho de uma isolada e angustiada subjetividade solitária; a consciência do amante abre-se e entra em comunhão com a consciência de outrem, rompendo, dessa forma, a opacidade que normalmente cerca, ~~amarrando~~ ^{qual muro,} a ego alheio. E foi assentado em tal e tão preciosa verificação da psicologia individual que o sábio mestre francês pôde construir esta fórmula feliz de sua axiomática filosófica do amor, contra a qual alguns néscios vociferam insensatamente mas que exprime, tal como se fôra refletida num espelho muito fiel, a verdadeira face ou imagem do amor humano:

"Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre o fato de ser amado." ("Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Eis pois aí o núcleo vital, energético do amor humano: o amor-de-si, a egocentria exaltada que se abre, que se aprofunda, que se derrama, que se realiza no bem de outrem. Esplêndida, pura, sábia, profunda concepção nédoncelliana, contra a qual, em sua consciência filosófica, nada há que objetar. Porque, verdadeiramente, vive o amor de um contínuo "dar" e "receber", é um permanente exercício do que, em economia política, se chama o preceito ou princípio do "do ut des" ("dou para que me dê").

Ao esmerilhar, compreensiva e judiciosamente, este cativante problema do amor-de-si, que se ergue no centro dos estudos aóerea do amor humano, escreve o Pe. Nédoncelle, sempre elaborando conceitos inestimáveis, muito valiosos e profundos e que afinam, concordemente, com as límpidas e luminosas doutrinas do cristianismo:

"O amor-de-si não é, por tanto, fatalmente um egoísmo: deve abrir-se ao devotamento, e nele estar implicado." Fechar-se em si e sair de si formam um círculo inevitável. "A

inevitável. "Aparentemente opostas as duas vias são, na realidade, complementares. E, em princípio, são inseparáveis." (op. cit.).

O amor-de-si e o devotamento são, a bem dizer, as duas asas do mesmo pássaro; amar a si e amar a outrem, enclausurar-se em si e abrir-se para outrem são dois aspectos do mesmo fenômeno e — como disse o Pe. Nédoncelle — são vivências complementares, que não se separam, indissociavelmente unidas, como o corpo à própria sombra, como o perfume à flor.

No entanto, tão indiscutível e indesmentível realidade tem suscitado a "desconfiança dos moralistas", que não acham jeito ou meios de consentir na livre expansão do egoísmo, pregando sempre, sem cessar, a prevalência ou império, na vida moral, do desinteresse, do puro altruísmo. Os moralistas não se cansam de dizer que o egoísmo envenena, conspura o amor humano; segundo eles pensam, o amor-de-si é a ferrugem, a filóxera que carcome o sentimento amoroso do homem. "As razões desta atitude — comenta, penetrantemente, o Pe. Nédoncelle — são misteriosas, e mais difíceis de caracterizar do que em geral se julga. Os fatos são claros, e nenhum educador pode pô-los em dúvida.

"Propor a uma criança — acrescenta — que tome por ~~máxima~~ ^{máxima} mais bela realização da sua personalidade, é correr o risco de fazer dela um coração seco; talvez possa tornar-se num "epicurista angélico", mas nem por isso deixará de ser um egoísta. Pelo contrário, a exortação ao devotamento e à renúncia é um caminho curto para a perfeição, e ~~uma~~ ^{uma} constitui um método simultaneamente mais sábio e mais seguro." (op. cit.).

Assim, o que os puros moralistas querem que o amor realize é, todo quanto, um impossível; insistem eles, desnaturalmente, na realização pelo homem de uma impossibilidade moral, de uma inumana perfeição através da conquista e posse do absoluto. O angelismo, a pura perfeição moral, raramente será conseguida pelo homem; o homem é fundamentalmente egoísta, e seu coração, como disse Pascal, é cheio e cheio de miséria; jamais poderá amar sem mistura do amor-de-si, sem a mescla inevitável das manchas e impetus de sua substancial e incurável egoarquia. No amor do homem sempre haverá o sinal ou a marca do animal e do humano, do anjo e da besta; jamais se busque aí, nesse amor, a presença exclusiva do divino, a pureza do absoluto. A luta pelo absoluto é vã, estéril, inútil procura dos filósofos que ardentemente ~~procuram~~ ^{ambicionam} ser deuses.

Prossegue dizendo o Pe. Nédoncelle, saindo em defesa do egoísmo, que ele considera como ingrediente essencial do amor:

"Os fatos são claros... A sua razão é obscura e não podemos contentar-nos com um argumento de terrorem, ou com uma virtuosa prosopopeia à maneira de explicação. Por que motivo será o culto de si tão equivocado, afastando-nos tantas vezes do amor completo em vez de a ele nos conduzir?"

"Uma primeira resposta poderá ser a seguinte: o amor-de-si é uma tendência espontânea, constante e incoercível; o dom de si, pelo contrário, é frágil; exige um esforço, e só ele é ocasião de mérito. --- Esta resposta é, afinal, bem insuficiente. Libertemo-nos das nossas preconceitos e olhemos as coisas com imparcialidade. Que verificamos? Por um lado, para atingir o seu fim, o desejo do melhor (isto é, pro) implica uma quantidade de sacrifícios ^{de} e decisões heróicas: será necessário imolar, sem cessar, o mim inferior ao mim de valor. No templo da sabedoria, no qual caminha Platão, há um altar pa-

para os holocaustos; e o próprio Nietzsche, que degrada a vontade de bem em vontade de poder, sacrifica-se como um coribante.

"Por outro lado, será exato que a devoção a outros seres seja uma disposição parcimoniosamente espalhada pela humanidade, e sempre difícil de cultivar? Sinto-me tentado a acreditar no contrário. As tendências altruístas são tão espontâneas como as outras. Quanta prodigalidade não existe no devotamento! E quantos devotamentos cogos ou estúpidos... Muitas pessoas se privam do necessário e se dedicam exageradamente a um cão ou a um papagaio. Há quem, nas mais trágicas circunstâncias, seja capaz de arriscar a vida para não se separar duma planta. A ágrape (que é o dom e o sacrifício de si pelo ser amado), que "não é, de modo algum, motivado pela excelência do discípulo João a dizer no seu Evangelho: 'Deus do ágrape', que levou ~~Kristinaxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ ágrape") a ágrape --- dizíamos --- "tem também os seus exageros, os seus erros de óptica e as suas perversões enternecedoras ou esandalosas."

"Será, pois, necessário procurar outra solução." Outra solução, a ser achada em resposta mais satisfatória, para justificar a presença necessária do amor-de-si no mecanismo ou na vivência subjetiva do amor humano. Esta resposta encontrou-a o Pe. Nédoncelle, amplamente exposta nos tópicos que se vão ler:

Com facilidade o amor, "quer se trate de desejo-de-si ou de devotamento, abandona a orientação para um ti, e se dirige para objetos impessoais. É dessa maneira que nos ligamos a coisas e a instituições, sem fazermos desta ligação um meio de promoção das consciências, mas sim um horizonte que nos limita e nos satisfaz. Se amamos um ser impessoal, é-nos impossível dar-lhe autonomia verdadeira. Uma planta, um cão ou mesmo uma forma social tal como a pátria e a humanidade não são sujeitos dotados duma interioridade livre? Não são perspectivas universais como nós ou como eu."

Em tal caso, é verdade, há um amante e há um amado; Mas, acaso, serão eles iguais?

Não, responde o Pe. Nédoncelle. Não, "neste caso, o amado é diferente do amante. E mesmo que o amante se imole por um objeto

dêsse gênero, servir-se-á muito mais dêle do que lhe será possível servi-lo. A vontade do posse será ~~unilateral~~ muito maior do que o dom. Se me apercebo de que o meu cêo é um cêo, nunca poderei amá-lo por êle tanto quanto o amarei por mim, nem como o amarei por mim. Uma generosidade, e até uma reciprocidade, poderão unir-nos; mas elas são diferentes do que seriam se o ti fêsse um homem. (...) Posso esquecer, é verdade, que o meu cêo é um cêo, e tratá-lo ingenuamente como um amigo e como um par. Mas esta ingenuidade, além do mais, é suspeita: finjo ignorar que o cêo não é um mim pessoal, porque, dessa maneira, posso imaginar que domine um ser livre.

"O amor pelos animais, e também pelas crianças, dá-nos a baixo preço aquilo que só com grande dificuldade obtemos das consciências adultas: a segurança.

Com efeito, "esta ilusão não equilibrará a balança entre os dois aspectos do amor, isto é, entre o desejo-de-si e o devotamento, porque o insucesso duma franca e completa reciprocidade entre o amado e mim próprio mantém uma diferença de natureza entre o meu desejo, voltado para a minha subjetividade, e o meu devotamento, voltado para a consciência nula do cêo. Quer queiramos quer não, a importância do devotamento será menor e a sua finalidade mais baixa; o amor que tenho por mim dirigirá e utilizará o meu devotamento, como um senhor implacável. E é natural que assim seja."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

O Pe. Maurice Nédoncelle, notável escritor cristão da atualidade, esmera-se em tecer preciosas observações sobre a filosofia do amor humano, algumas vincadas ou marcadas por um cunho que se não pode esquecer, que se não pode recordar sem verdadeira emoção espiritual. ~~Impressões~~ sobretudo nas reflexões dêsse filósofo espiritualista a beleza e a profundidade com que seus conceitos são geralmente vasados, através de um estilo de grande força e lucidez, evocando-nos a arte fina e penetrante dos melhores escritores de sua pátria: a França, a França de inesquecíveis e perfeitos artistas da prosa filosófica, como, entre outros, Paul Valéry, dominador supremo da palavra, gênio prodigioso, cheio de cintilações de cristal, armavilhosamente ~~puríssimo~~ ^{maravilhosamente} puríssimo, mais que depurado e ~~essencialmente~~ ^{estilo} conciso e lapidar, amante do estilo sêco mas flexível, cêdulo, profundo, ^{estilo} quente e apaixonado em tôda a sua pureza formal, estilo de escritor adorável, encantador e profundo, raramente outro ~~ser~~ ^{pedindo ser} mais harmonioso do que êle, na sua pureza grega, no seu primor ético, brilhando como um dos raios mais puros do prisma mental mediterrâneo, fluindo como onda finamente irrisada das fontes pelágicas.

O Pe. Nédoncelle fala e escreve com um timbre inesquecível acerca da filosofia do amor. Neste ramo de estudos é, como Dostoiévski, que foi por Berdiaeff considerado como justeza "o maior metafísico da Rússia" --- um profundo ~~espiritual~~ ^{espiritual} espiritual, um "pneumatólogo". Faz a "pneumatologia do amor", deixando bem para traz as limitações ou reduções de uma análise ou estudo puramente psicológico do amor, estudo que é sempre superficial, que somente se contenta com a ~~admissão~~ ^{admissão} das superficialidades sentimentais. As pesquisas e conclusões nédoncellianas primam por ~~deixar~~ ^{deixar} uma impressão forte, sempre pura, e duradoura; são reflexões que seduzem, cativam, emocionam.

Segundo Nédoncelle, não há dúvida que o amor faz parte da

enigmática e misteriosa problemática humana, constitui-se numa das mais trágicas experiências do eu solitário do animal humano --- experiência da liberdade humana que revela a natureza do homem e sua dramática condição. O amor obriga o homem a sair de si mesmo, a abandonar o casulo do eu, dentro do qual está habitualmente fechado; o amor é o encontro com outrem, encontro que fende os muros que cercam o egoísmo natural do homem, que faz uma abertura na casca sob a qual o ego humano se esconde. O amor lança é essa ponte que liga uma criatura a outra, derrubando as cercas ou muros da separação individual. Ou, como disse G. Gusev, no seu "Tratado de Metafísica", em termos tão inteligentemente expressivos:

"O encontro com outrem representa uma instância essencial da presença no mundo; a realidade humana é um terreno de percurso comunitário onde o meu corpo choca com outros corpos, e onde o meu pensamento choca a cada passo com significações sedimentares."

Do amor nasce, não se pode negar, a convivência humana, com seus plurívocos motivos. O amor cria estilos de convivência pessoal, quase pondo a nu o íntimo mistério e enigma do ser. Cria a comunicação humana, muita vez viciada por alguns sérios distúrbios, que os psicólogos chamam de comunicações. Pela comunicação esse ser incompleto, inacabado --- disse Nietzsche: o homem é um animal inacabado --- põe-se em amoroso contacto com o próximo, com o "outro". É a consciência de um que esbarra mas tenta compreender e penetrar a opacidade da consciência do outro. Já então deixa o homem de viver densamente ou exclusivamente encerrado nas sombras do próprio mistério. E se dá para receber (teoria do "do ut des" --- dou para que me des).

O amor é uma tentativa de quebrar a solidão essencial do homem. Aí a solidão torna-se "realizante", leva o homem ao convívio dos seus pares, e a comunicação aparece como uma necessidade ótica,

como uma necessidade do ser mais profundo --- uma necessidade, enfim, que brota das raízes do espírito, do coração.

A respeito deste tema da comunicação escreveu significativamente o professor de filosofia Manuel Breda Simões, excelente tradutor e prefaciador português de Kédoncelle:

"A comunicação é tão imperiosa e urgente para a promoção pessoal que as personalidades mais ricas, quando caracterologicamente incapazes de suficiente auto-abertura a outrem, criam em si as personalidades capazes de responderem às próprias necessidades de fusão afetiva e de vida comunicante, servindo-se da comunicação indireta que, nas suas formas mais complexas e ricas, atinge a elevação agonica do plurívoco desdobramento de um Kierkegaard, de um António Machado ou de um Fernando Pessoa."

Mas não só isto nos sugere esta elevada ordem de considerações: saliente-se, ainda, palavra autorizada e lêda do mesmo mestre de filosofia, que

"a urgência e império da comunicação encerram também o perigo da destruição da força enriquecedora da própria comunicação quando esta se abre às embaciantes figuras do individualismo e do coletivismo, que são as suas formas de auto-negação ou as suas pegadas de desvendamento e de promoção. Porque (a frase é de Martin Buber) "o individualismo só põe no homem a relação consigo próprio", e o coletivismo esquece o homem "para só ver a sociedade impessoal."

"A comunicação (agora é o professor Breda Simões quem o

assinála) "a comunicação só é possível ao nível das pessoas, dado que a pessoa nos surge como disponibilidade, isto é, "como presença dirigida para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade." (E. Mounier, La Pessoa). Ao comunicar-se a pessoa, verdadeiramente, expõe-se (põe-se para fora de si). Mas sua natureza comunicante "não se confunde com a situação inóspita a que o individualismo a condena, ou com aquela outra em que o coletivismo a aliena."

Tudo isto e o mais que daí decorre, cuida o Fe. Nédoncelle em explicar e ~~expressar~~ ^{explicar,} esmeradamente, no curso de seu espiritualismo existencial, elaborado em posição diametralmente contrária aos defensores das fétidas teses do existencialismo ateu de J.P.-Sartre e outros pensadores de seu torvo e sinistro bando. O que sobretudo gravemente preocupa o Fe. Nédoncelle é o amor, a pessoa e a filosofia inter-pessoal, tendo como problema conexo o que ele denomina a Reciprocidade das Consciências, a descoberta do Outro. Diz ele que uma filosofia do amor não pode ser edificada sem que se tenha em mente que

"o amor procede das pessoas e para elas se dirige. Quando toma outras formas, não é completo: busca-se ainda."

Estuda-se, ainda, no amor, "a continuidade misteriosa que pode unir as consciências, sem as dissolver." Há limites incontestáveis "dessa continuidade na vida privada e nas relações coletivas." Dirigindo-se especialmente aos jovens --- a juventude continua sendo, como é de justiça que o seja, uma das preocupações máximas de nossa época --- escreveu:

"Que a essência pura lhes não faça desconhecer a lentidão do percurso. A perfeição entrevista imediatamente nunca é dada na sua totalidade; conquista-se coesa e dolorosamente, e sustenta, do alto, uma existência que taceia até à morte. Aristóteles dizia: "Meus amigos, não há

um amigo..." Queria ele dizer que ter vários amigos é não ter nenhum? Ou, que toda a amizade é ilusória? A frase é amarga, e, se uma boa frase fosse um teorema, o teorema seria falso."

Sempre falando aos jovens, do alto da cátedra ou da mesa do conferencista, no livro ou no jornal ou revista, a palavra de Nédoncelle cria impressão forte e pura, nos que o ouvem ou lêem. Eis o que exprime no trecho escolhido que se vai ler:

"Mas é certo que estamos sempre a uma certa distância do amor que se dirige à pessoa, ou, se preferis, a uma certa distância da pessoa que responde integralmente à exigência do amor. Da mesma maneira, seria contrário ao meu designio, sob o pretexto de esclarecer a essência pura, desprezar o quadro das instituições nas quais os homens exprimiram muitas vezes uma experiência e uma sabedoria que não podemos, sem perigo, dispensar." Neste domínio do pensamento analítico, "uma metafísica de evasão ou de facilidade não prestaria qualquer serviço à vida, ainda que a vida só desvende o seu segredo ao nível da metafísica, onde se recolhe e se ultrapassa."

Assim pois, é a metafísica do amor e não a sua fenomenologia, o que acima de tudo e principalmente atrai a atenção e alimenta as originais ~~humanas~~ investigações deste límpido e luminoso filósofo de nosso tempo.

URIBAJARA ROCHA

NOVAMENTE discorrendo acerca do amor — tema "vário e ondulante", como diria Montaigne, antigo mas sempre presente, velhissimo mas sempre jovem, a um tempo antiquado mas sempre a brilhar intensamente no centro de todas as pesquisas e estudos da psicologia profunda — evitaremos o quanto possível as divagações, os surtos da imaginação, as declamações, as declarações excessivamente teóricas e ócas, à maneira de Rousseau.

Iste assim dito adentremos, sem mais preâmbulos, sem mais banais, monótonas, cansativas delongas, no recinto onde se analisa e se examina, literariamente, o provocante espectro, e cativante perfil ou silhueta psicológica do amor, sentimento de permanência eterna porquanto essencialmente peculiar ou consubstancial à natureza humana.

Diremos, para principiar, que é sobretudo no campo do amor que assume vulto especial toda a dramaturgia humana; é no amor que principalmente se revela e ao mesmo tempo se esconde todo o mistério fundamental da criatura humana. No amor vemos desenhar-se, com todos os seus traços vívidos e impressionadores, a verdadeira fisionomia interna do homem e da mulher, que são os protagonistas principais de drama ou da tragédia humana na face do planeta. Mas o mistério do homem — preciso é reconhecê-lo — é comparável ao mistério da mulher. Porque ambos os sexos são mutuamente trágicos e fatais; são, ambos, reciprocamente dramáticos. O dramatismo essencial da vida pulsa ou vibra na dimensão do destino tanto do homem como da mulher. Assim é que a mulher seduz o homem, modula-o, magnetiza-o com seus encantos, com sua sedução infinita, com seu feitiço eterno; mas é igualmente no abraço do homem, no abraço do sedutor insinuante e perverso, que a mulher também se perde...

O amor é drama, é destino. Geralmente eleva ou faz sucumbir as criaturas. Dêle não há escapar; todos sofrem-lhe a influência,

mais cedo ou mais tarde. Como disse Farias Brite, "ninguém ama porque quer; sofremos a influência do amor." O amor vem e vai, de modo inexplicável, sem que nada possamos fazer para impedir a sua vinda e o seu lento ou rápido apagar; nessa vontade em nada interfere com a espontaneidade de seu brotar tanto quanto de seu eclipse ou desaparecimento.

O amor chega e se vai, inexplicavelmente, qual febre. Formosa, sublime febre, na verdade, mesmo para os espíritos que não se alimentam com os frutos da imaginação romântica ou lírica.

Muita vez o trágico e o burlesco associam-se na viscera palpitante do amor. Do solo quente do amor podem brotar flôres monstruosas ou ridículas; em tão cálida superfície não é raro e desdobrar de flôres hediondas ou de imensa friabilidade. Tudo depende do caráter e do temperamento dos amantes. Acrota dos fúteis, que só podem amar raramente, lisamente, plenamente, sem vestígio ou faísca de espiritualidade, disse Bernanos:

"Ninguém suspeita com que imenso esforço os frívolos realizam seus destinos, quando o drama espreita cada um de seus prazeres, e precisam passar por êles sorrindo, muitas vezes por dia, ao alcance de sua geola encarcerada. Sabem que mais cedo ou mais tarde vão sucumbir, pois são raros os que se sustentam até o fim, os que escapam à doce maldade da agonia, e conseguem fazer da própria morte uma coisa impura." ("Pesadole", novela).

Para outros muitos qual o programa do amor? Nada mais que humilhação, sacrifício, imolação. Segundo ainda Bernanos, existem amores "nascidos sob o signo de Câncer, verdadeiros tumores." Cancros, tumores da alma, de desclada subjetividade solitária do homem. Bólbos de lama sobre da massa de água turva. Putrilagens saniosas boiando no pântano. Aparentemente, há tantas espécies de amores

quantas de demônios. E são precisamente os homens e mulheres superiores que se deixam devorar pelos amores requintadamente diabólicos, pelas atrações misteriosas, profundas e fatais... Em tal caso, sacrificam-se, tais pessoas de escol, justamente por quem não as merece.

Há ligações amorosas tumultuosas, ligações que unicamente logram realizar, na ignomínia, "uma espécie de fraternidade selvagem," semelhante às misteriosas associações dos animais." Ao que parece, tais pessoas, as que se dissolvem ou se atolam na sordidez, "não fazem questão de possuir uma alma", desfazem-se rindo de qualquer parcela desse nobre princípio interior, dessa substância preciosa. Para salvar e corpo não vacilam um só instante em perder a alma e, no fim de contas, em perder a própria vida...

Temos, ainda, em nossa sociedade, em todas as sociedades, o tipo refinado do amante clínico, sem moral, lascivamente cruel e frio. É este o donjuanismo ativo, independente, amoroso da quantidade e não da qualidade, como dizia Camus; e amante lúcido, cruel, cerebral, que pausa de amor em amor, qual berboleta, à procura de prazer esquivo e maléfico. Saciado, parte, voa este amante seco e duro em busca de outros corpos (para ele, as pessoas são corpos, não almas). Recorde-se, este amoroso obscuro, as viscosas palavras de um personagem da novelística de Bernanos, que dizia:

"O verdadeiro conhecedor de mulheres sabe muito bem que uma conversa espiritual, um brilhante madrigal, não adiantam nada para seu autor, que o beneficiário é sempre algum audacioso que aproveitou o instante favorável e... (aqui fez um gesto ignóbil). Se o bruto não se convencesse, é porque terá deixado alguma escapatória para o adversário, algum pretexto plausível --- que sei eu? --- basta tão pouca coisa para uma mulher recuperar de repente, com o dom das lágrimas, a estima de si mesma..."

Aqui temos, por assim dizer lindamente embrulhado em papel celofane, um dos mais velhos e brilhantes paradoxos libertinos, qual seja o clássico e repisado "Audaces fortuna iuvat". Sem dúvida: o atrevimento, a audácia sem poço em muito auxilia o "trabalho" de redução --- a "dialética da sedução", segundo Sartre ---, sempre a esperar de modo a quebrar, afinal, a resistência da vítima mais serena e forte, mais fortalecida e calma.

O amante, assim lúcido e frio, calculista e só buscando o gozo do prazer egoísta, despede-se de sua "vítima" com decisão rápida e fácil, agindo decerto talqualmente nos é descrito numa passagem do "Demian" de Hermann Hesse, romance repleto de páginas densas, inesquecíveis, livro que em muito aumenta a nossa liberdade interior --- ^{apurada} livro a um tempo formoso e profundo e todo ele escrito com sensibilidade e rara beleza poética. Assim se afasta do amor saciado, esgotado, e triste Don Juan que representa a cognição do cinismo; conhecendo demais e objeto de seu amor para que o não odiasse; depois de ter esvaíado até o fim a dourada e cintilante taça do amor. A emoção amorosa, antes cálida e profunda, parecendo ter elementos para durar eternamente, ^{torna-se} ~~transforma-se~~ pálida e triste, mergulhou em conteddos frios, muitos frios; a frieza a tudo domina, a tudo devera, nada mais restando do "erotismo triste" de Don Juan, e a separação, tornada inevitável, se faz naturalmente, sem lances melodramáticos.

"Entre nós não houve nenhuma alteração, nenhuma cena; não houve ruptura nem sequer um ajuste de contas. Houve apenas uma palavra minha, inofensiva em si, mas que marcou o momento em que a ilusão se rompeu entre nós em irisados pedaços."

Assim se despede da amada e triste e erótica Don Juan, sobretudo quando de meia idade, partindo célere para outras aventuras de coraço e da personalidade, em busca de outras mulheres que o fascinem, sempre empenhada na procura melancólica de amor, que caracterize as pessoas que já não são moças.

Mas muita vez --- isto na verdade se esquece com demasiada frequência --- com esta separação abre-se no coração da "desprezada", da "abandonada" uma ferida emotiva que não se fecha, uma fratura emocional muito séria e extensa. É um vazio interior profundo, uma dor com gêsto de destino, uma infinita vontade de morrer naquela hora...

Esta é a frivola, irresponsável, berbeleteante filosofia de denominada "amor-livre" --- amor de pássaro sem pouso nem repouso, inde de um para outro coração a prévia intenção de não o habitar senão até e esgotamento ou a efêmera duração de uma paixão; não, portanto, amores passageiros, sem ^{uma marca de destino ou da fatalidade,} ~~uma substituição~~ sem nenhum kismet:

"Uns substituem os outros e não devemos esforçar-nos por nos prender a nenhum." ("Demian").

Desejariamos que o sonho fôsse eterno mas, infelizmente, para nós, ele assim não é. O sonho, desgraçadamente, por mais encantado que seja, não possui duração eterna: esvai-se num tempo mais ou menos breve. Brilha, fulgura um momento, e desaparece, e, uma vez que já não mais existe, é absurdo permanecer-lhe fiel. É insensato, absurdo dedicar fidelidade ao destino, quando o destino já não nos ama.

Assim pensam, de certo modo, os buscadores de amor efêmero e sem compromissos, os amadores sem responsabilidade --- vibrantes e incertas vespas do amor, abelhas que voam incertamente nos quentes e afreidisiacos jardins de Eros...

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

BEM TRISTE e melancólico é o fato de termos de verificar que escasseia ou se torna parco e precário, em nossa época febril de automação e de mecanicismo, o encontro de platônico e romântico "amor espiritual".

De dia para dia e cada vez mais perde o amor a sua espiritualidade profunda e vai-se tornando superficial, sensorial, epidérmico. É o amor sensual e epicurista, o amor pregado pela moral hedonista, que prevalece, insinuando-se nas fibras mais íntimas, nos tecidos mais profundos da alma contemporânea.

A filosofia do amor livre infiltra-se, devastadoramente, na mentalidade ou na psicologia de frívolo homem moderno. Morre, agensiza lentamente o amor feito de abnegação, renúncia, dedicação. A filosofia do prazer desperta mais que entusiasmo nas gerações novas, nas gerações que despertam para o governo da vida, da sociedade, do mundo. A satisfação dos crespos desejos da carne é erigida como princípio primordial, como dogma infrangível, com a solenidade de um lema ético.

É horrível! Já ninguém, quase, canta o amor ilusório, o amor que nos faz ter nos braços, com deleite, a mulher tão ternamente querida e desejada. O que se quer é a posse egoísta, brutal, passageira, sem raízes no sentimento da alma, desligado das ternuras doces do coração.

O amor de hoje funda-se no entusiasmo dos sentidos; é amor alegre, nascido do culto da vida sem compromissos, amor que cai de chapa numa espécie de grosseiro sensualismo pagão. Logo percebe, quem analisa a justa face da questão, que assistimos à desintegração dos anéis afetivos que outrora duradouramente prendiam os amantes na amizade erótica. O que desde logo temos visto, sem possibilidade de erro, é o gradual desgasto da história de Eros e Psiqué, o lento mas inexorável puir dos ~~amáveis~~ laços de amor que se criam definitivos...

e perenes.

— Onde os embecamentos extremos do amor-devoção, do amor espiritual? Onde os anseios inflexíveis de devoção mútua, de absoluta absorção mútua que tanto empolgavam a imaginação dos amantes líricos, românticos?

Sim, é certo, agoniza a lenda dourada do "amor eterno", da paixão absoluta e sem fim... Ninguém ama com amor profundo, com amor perfeito, como tão vividamente se anelava nos tempos antigos. Ninguém quer ser lírico nem romântico: o amor é lúcidamente definido por J.-P. Sartre — "o maior metafísico da França" — como sendo mera expressão de sadismo e masoquismo.

Já, hoje em dia, ninguém ouve mais a exortação de nosso velho Gilberto Amado: "Sejamos românticos. Uma ilusão a mais é sempre útil." ("A Chave de Salomão").

É coisa inteiramente do passado a imagem de que os dois amantes une-os um abraço de forte e comovida compreensão. Atualmente o amor é despedido de graça nobre, e os que se amam são hábeis na organização dos seus afetos efêmeros e fugitivos — dos seus amores que duram um dia, uma hora, que duram a "eternidade" dum beijo...

Não será oxagêro dizer-se que o "amor espiritual", cantado pelos poetas e místicos, está definitivamente proscrito da sociedade moderna. Mil formas de fealdade substituem este tipo de amor da alma, tão ternamente idealizado por Amadeu Amaral; tão convincente em seu justo cantar:

"---Teu sorriso tão suave
de espiritual decura
é suave a branda como um vôo de ave
na altura..."

Esse "sorriso de espiritual decura" é irmão daquele sorriso que, segundo Hölderlin, "está acima do vôo da ave", e que não é senão o sorriso da mulher amada — o sorriso, enfim, que é

Que é um trecho de horizonte
que não se avista bem,
que se entremostra para além de um monte
além...

A imagística poética era sublime, notavelmente pura, ao cantar e nobre e doce sentimento do amor. O lirismo não podia deixar de considerar o amor como sendo uma tortura misteriosa dos corações. Ou uma mentira maravilhosa que a todos seduzia e cativava. Há um feitiço infinito, um feitiço infinito na história de Eros e Psique, tal como a entendiam os felizes e seguros intérpretes dessa mágica lenda.

Mas — juntavam os espiritualistas — o sofrimento é o salário do amor. A dor é o preço do amor. E para provar isso, para demonstrar essa verdade vascular, essa verdade que sangra... disse o angélico e tenebroso Novalis:

"Não há amor sem dor pura."

A poesia — que é e põe dos anjos, a linguagem dos anjos — sempre tornava-se aérea e sutil, entrajava-se de névoas flutuantes, para exprimir os suavíssimos deleites de Eros, os ternos sofrimentos do coração ferido. O amor, longe de tornar a criatura uma bête afortunada, medusada pelo prazer carnal, empolgava-a nas garras de uma adorável e formosa loucura. Uma loucura sublime como a de Hölderlin, uma paixão ao mesmo tempo crespa e branda, suplice, desesperada e lacrimosa como a destes versos inesquecíveis:

Digo-te que estou louco
De amor por Cressida. Tu me respondes: ela
é formosa, formosa;
Derrama no útero aberta de meu coração
Seus olhos, seus cabelos, sua face, seu
andamento, voz...

O amor subia, trina-se ao longo das ondulantes volutas da inspiração lírica, correspondendo plenamente aos padrões literários épocalmente vigentes. O amor era um sentimento muito puro e muito íntimo, intensamente burilado pela emoção subjetiva do artista. O mais selvagem, o mais infeliz, o mais apaixonado dos amantes não era senão um louco substancialmente romântico, um "decente da beleza".

O amante era um incêndio em marcha; todavia, a pintura dessa ardente fomalha amorosa podia ser feita de modo simples, claro e belo, como nestes versos inestimáveis de John Donne, que se queixa de não poder possuir o corpo da mulher idealmente adorada:

Assim as almas puras dos amantes precisam descer

A afeições e a faculdades

Que o sentido possa alcançar e apreender,

Senão um grande princípio fica na prisão.

Para nosos corpos nos voltamos então, a fim de que

Homens fracos possam olhar o amor revelado;

Os mistérios do amor crescem nas almas.

Mas o corpo é o seu livro.

Assim --- para que "um grande princípio não fique encerrado na prisão" --- ocentusismo erótico por fim teria que mergulhar na metafísica da carne escrava e semi-louca. Como disse Aldous Huxley, "o amor sem posse nunca podia, evidentemente, pela própria natureza das coisas, ser o artigo genuíno." Isto é verdade; mas o místico, o "puro" se continha, se amordaçava, reia intimamente seu pesar, sugava silenciosamente sua grande magia... Apenas interiormente era a favor da natureza.

Atualmente, como parece, todos estão decididamente a favor da natureza. O amor etéreo, romântico perdeu o seu encanto, a sua magia. Hoje o homem ama com todos os seus sentidos --- ama sem preocupações metafísicas e reafirma seu ego nas pugnas ou aventuras de amor. Já não se carrega dentro do peito o esquite de um ego doloroso e infeliz, a menos que o amante seja portador de uma personalidade doente, enferma.

O amor que hoje se cultiva é uma fonte fresca de prazer animal, de prazer sem complicações, simplesmente orgânico, instintivo, vegetativo. A experiência do amor é real e não imaginativa; não é uma experiência sombria e não deixa na alma sulcos trágicos de sua

passagem. É um amor alegre, desprendido, pagão... Amor que passa fluentemente, como água clara, sonora, pelas fibras profundas da asexualidade. Água que flui, desliza pelos tecidos subjetivos e não "serpente marren com marcas sagitadas nas costas", ou cobra traiçoeira que ras-teja sombriamente, sem nenhuma suavidade, rumando, carregada de destino, "em direção a algum acontecimento novo e violento".

Este é, naturalmente, o típico, o nativo amor moderno. Amor que hoje se considera muito muito bonito, muito verdadeiro, muito estético. Esta é a nossa atual forma de amor verdadeiro --- amor que justifica tudo, amor, porque assim o digamos, santifica tudo.

Tal espécie de amor cristaliza-se, condensa-se em expressões poéticas como as que se vão ler:

O amor santifica tudo aquilo sobre o qual é verdadeiramente colocado.

Transforma a escuridão em ouro com um toque de seu dardo,
Torna a matéria importante, e desta a mais extrema paixão,
E constrói um templo dentro do coração lascivo.

Ai temos: o amor "torna importante a matéria", justifica qualquer fraqueza da paixão indômita, ergue "um templo votivo dentro do coração lascivo". Tudo isto evoca-nos, irresistivelmente, o amor de Don Juan prefigurado por Albert Camus --- amor acerebral, frio, lúcido, impiedoso, altivo, independente --- amor livre e nu em sua indecente e licenciosa inocência. Amor, enfim, de fera afetuosa e inteligente --- amor que chupa a peela doce, saborosa, de prazer, e segue além...

Tomos, aqui, também, o amor idealizado, pintado ou descrito pelo gênio rudemente realista de Sartre. Amor carnívoro, sado-maquista, cruel, frio, colêricamente egoísta e mau, malgrado as apertadas e fantasiosas vestimentas com que cobre sua glacial nudez, sua acabrunhante impureza essencial.

O amor --- em Sartre --- se resolve ou se manifesta no puro domínio da sexualidade. A erótica sartreana concorda, implícita-

implicitamente, com Pascal, segunde o qual o coração do homem é êco e cheio de lama. Uma criatura assim formada transforma-se, naturalmente, em bêsta ou demônio tôda a vez que pretenda ser anjo. Sartre, no seu estudo do amor, deixa-se prender apenas nas ciladas e insidias da dialética da sedução; não dá um passo além, permanece nessa dialética, muito humana, é certo, porém que não atinge a verdadeira essência de amor.

Para o existencialista Sartre o amor é "obsceno", é uma "excrecência viscosa", como a própria existência. Nada mais materialista do que o amor. O amor é sadismo e masoquismo; nada mais. A necessidade de amar é coisa feia, repugnante; amar é coisa aspera, brutal, revelando-se em grosserias positivamente revoltantes. No amor há que ter "complicências com o viscoso"; os amantes sentem "náusea", querem vomitar-se a si mesmos. "A vida carnal é fastidiosa, fria, subordinada, não evocando jamais a exuberância animal, brutal mas sã, tornada célebre desde E. H. Lawrence".

O amor, em Sartre, é uma triste experiência da liberdade solitária do homem. Melancólica experiência das subjetividades solitárias que, aos milhões, circulam ao redor da nós, no curso patético da existência. O jogo cruel da tentação carnal é assim descreito, ea página densa, bela, verdadeira, cheia de força e lucidez, por um notável escritor contemporâneo; isto é, Charles Moeller, que é também teólogo impecavelmente católico:

"As análises de Sartre colocam por exemplo em boa luz o mecanismo das tentações carnis. O homem que cede aos maus desejos sofre a influência de uma espécie de fascínio da matéria bruta; há em seu olhar, nesses momentos, uma espécie de fixidez alucinada; seu rosto assume aquela imobilidade pétrea, aquêle estranho sono, a máscara de angústia que Bernanos tão lucidamente descreveu. A fascinação sexual pecadora opera por uma espécie de magia negra: o objeto imediato torna-se fascinante; e ser que a sofre fica como imobilizado. Frequentemente, nos desejos impuros, o cúmplice é reduzido ao estado de objeto, de coisa. Os pensamentos lascivos são "coisa mental", "cosa mentale" dizia Vinci, significando que o real desejado deixa

de ser vivo, é como esterilizado. Pensamos nas aranhas que imobilizam num sono mortal a presa cujo sangue chupam.

"A queda carnal é sempre uma espécie de vertigem, um deixar-se ir de todo e ser pelo declive material do objeto desejado. A queda é deliciosa, no momento. Na realidade o homem torna-se qualquer coisa mecânica, um maquinismo lançado para diante; não mais se possui. (...) O olhar-medusa, de que fala Sartre, é uma realidade."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPREUBIRAJARA ROCHA

Sómente um pequeno filósofo seria capaz, ou, melhor, teria o atrevimento de caçar ou de discorrer, com irritante superficialidade, acerca do profundo mistério do amor. Nós, que não temos luz nem autoridade própria para escrever um autêntico comentário a respeito de tal mistério, ainda e sempre revestido de insondável obscuridade, não encontramos outro recurso senão procurar apoio na lição dos chamados "filósofos de amor", assimilando ou absorvendo os ensinamentos que brilham em seus escritos e fragmentos filosóficos. Será, pois, com estes lúcidos e poderosos ensinamentos que construiremos o nosso próprio fragmento sobre o amor.

Mas, em verdade, que é um fragmento? Talvez isso seja necessário saber, antes de mais nada, antes de principiarmos a elaboração deste nosso modesto fragmento, em cujo texto havemos de dissertar a respeito de um dos temas mais palpitantes da vida humana.

Temos todos lido e ouvido falar, quando estudamos história da filosofia e história da literatura, que muitos pensadores, escritores e poetas, antigos e modernos, não nos deixaram uma obra completa mas sim simples e meros fragmentos, porque o resto ficou desaparecido ou perdeu-se através da passagem do tempo. Diz-se e repete-se, então, que muito da obra desses artistas e filósofos foi devorado e sumiu, restando-nos, não-sómente, alguns preciosos fragmentos de seus importantes escritos, de seus magníficos e excelentes livros, cuja existência histórica é muita vez citada nos trabalhos de seus contemporâneos e que, estes sim, evidentemente, chegaram até nós.

Diremos, por primeira intenção, que seremos breves, mesmo lacônicos, nesta explicação dada no portal de nossa pequena investigação sobre o amor. Para satisfazer, plenamente, esta exigência preliminar de nosso despretensioso ensaio, bastará cingir-nos aos conhecimentos nacionais, rápidos, incisivos, impecavelmente elucidativos,

de J.-E. Spenlé, ilustre Reitor da Academia de Dijon (França), o qual, ao estudar minuciosamente o "Pensamento Alemão", de Lutero a Nietzsche, escreveu o sucinto mas significativo e penetrante comentário que se vai ler:

Nasceu ou foi criada na Alemanha romântica um movimento de idéias que se opunha, radicalmente, à anterior época de cultura clássica, ou de Bildung, como era então chamada. A partir daí a filosofia tomou o título de Aufklärung, que significa "clarificação do pensamento". O que sobretudo buscava o pensamento romântico alemão era "uma realização essencial e nova da vida", com predomínio da sensibilidade sobre a razão, cuja sobrepujança antes dominava de forma incontestável nas artes, na literatura, na filosofia, na própria existência. Fez-se, também, imoderadamente, a "apologia do gênio criador, liberto de todas as regras, não sómente na arte e na poesia, mas também na moral." Foram banidas "todas as trivialidades do senso comum", através da criação de métodos novos de pensar e de sentir, métodos, na verdade, paradoxais mas que aparciam aos olhos da juventude romântica como "fascinadoras novidades".

O idealismo especulativo romântico insurgiu-se com brío, bravamente, contra o intelectualismo seco, contra o materialismo deprimente, contra a frieza formal dos clássicos. Criou-se a noção do "Infinito dinâmico", tendo à frente desta idéia o angélico e tenebroso Novalis, também conhecido na história mental e literária como o "poeta místico da Morte e da Noite", cheio de ironia transcendental com a sua concepção de "suicídio filosófico". O reino do pensamento passou então a ser um reino penetrado de "Intuições inefáveis", e a filosofia converteu-se em "mistério esotérico reservado a alguns iniciados"; a filosofia, na apreciação silenciosa do fino observador, nada mais ficou sendo do que "a aparência duma mistificação perfeitamente concentrada", ou, mais exatadamente, ensino ou disciplina misteriosa, incompreensível ou inacessível ao juízo raso e superficial dos profanos.

Mas eis que, na fervedura de tantas idéias e sentimentos românticos, assomou na literatura a concepção de fragmento. A respeito

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle, nome de grande prestígio nas modernas letras filosóficas do ocidente, traça com mão de mestre páginas ricas e densas a respeito do amor e de sua essência. Diremos, com a intenção de não nos alongarmos muito, que, segundo as meditações e conclusões do eminente filósofo, a essência do amor, a alma que o nutre e sustenta é, em derradeira instância, a reciprocidade.

Desvendaremos, logo de saída, que Nédoncelle é um piíssimo padre católico, antes de ser um filósofo cristão; a ele tem-se aplicado essa classificação de filósofo do cristianismo, malgrado muitos pensadores e teólogos tenham-se insurgido, a nosso ver com razão, contra essa falsa, postiça, artificial conversão da doutrina moral de Cristo em filosofia. Nisto, sem dúvida, têm razão os rigoristas e os mais puros representantes do pensamento religioso da Igreja: o cristianismo é, antes e acima de tudo, uma ética, uma moral e não uma filosofia. Mas, deixemos esta controvérsia de lado, e voltemos ao Pe. Nédoncelle, erudito famoso, pesquisador severo da problemática humana, agudo observador da realidade, que faz a leitura do real com muita paciência, muito estudo e reflexão.

Acima deixamos firmada a tese central deste raro observador da alma humana, frisando que, para ele, o amor é, em última análise, reciprocidade, isto é, como ele mesmo o diz, textualmente: "uma vontade de promoção mútua". A seguir, acrescenta, com penetração inextinguível, o lúcido investigador do mistério amoroso, com o necessário e evidente intuito de esclarecer o seu pensamento:

"Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre o facto de ser amado."

Esta convicção central, medular do mestre do espiritualismo

existencial, como é intitulado por muitos estudiosos de sua rica obra, insinua-se, ou, melhor dizendo, serpenteia em quase todo o contexto de seu estimulante livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa" (prefaciada e traduzida em 1961, em Portugal, pelo prof. Manuel Breda Simões).

O Pe. Nédoncelle, ao fazer a afirmação acima transcrita, antecipadamente se defende, já prevendo contra si a aberta acusação dos imprudentes e precipitados, os quais, injudiciosamente, incompreensivamente, poderiam averbá-lo de inimigo do amor fraternal, tachá-lo de adversário da solidariedade humana. Esta grita ou acusação tendo sido por ele adrede prevista, escreveu:

"Eu sei que com esta dupla afirmação vou suscitar muitas perplexidades. Os meus contraditores vão gritar e apontar o escândalo de tal afirmação, tal como se eu introduzisse o egoísmo no seio do desinteresse. E acusar-me-ão também de tomar as quimeras por realidades: — não é evidente que o afeto nem sempre é retribuído? No entanto, não vejo maneira de renunciar aos meus paradoxos."

O Pe. Nédoncelle insiste em não querer abandonar os seus paradoxos — bem brilhantes, aliás, diga-se de passagem — e nisso obra muito bem, porque eles estão certos, eles não fogem à verdade, não desmentem a realidade, antes, pelo contrário, refletem o real com magistral fidelidade, uma vez que ninguém pode negar que o amor seja outra coisa que não um vívido anseio de reciprocidade, de correspondência, um poderoso e profundo anelo de "promoção mútua."

Em outras páginas de seu formoso e inestimável livro discorre o mestre francês a respeito da solidão amorosa. O amor, diz ele, "nasce da reciprocidade"; contudo, é bem verdade que "muitas vezes se afunda na solidão."

O caso é de perguntar-se: Terá o amor a vocação do solitário?

solitário? A resposta a esta pergunta é não, dada em conformidade com as axiomáticas fórmulas nédoncellianas. Segundo Nédoncelle será de preceito dizer-se:

"O amor não tem a vocação do solitário, e deseja sempre o máximo de reciprocidade."

O estudo dessa reciprocidade afetiva, dessa mutualidade amorosa deve ser feita com muita cautela e atenção, visto que esta análise é profundamente reveladora e dá-nos, em justa medida, todo o alcance e sentido do amor. Diz o mestre:

"As respostas que pode dar-me um ser ao qual me ligo são desiguais, e podem apresentar quatro graus sucessivos."

Podemos descrever de baixo para cima esses graus de reciprocidade que alimenta e faz vibrar o sentimento amoroso. "No mais baixo grau — assinala o nosso filósofo —, outrem responde à minha vontade de promoção apenas porque existe e se desenvolve. Os cuidados que dispense a uma criança de tenra idade, ou a um doente em coma, talvez sejam para sempre ignorados pelo seu beneficiário. A minha recompensa é unicamente o fato de que ele vive; a sua própria existência é um retorno."

Passemos ao segundo grau. "No nível seguinte — continua o mestre —, a reciprocidade será já psicológica se outrem se aperceber do meu projeto, ainda que o repudia, ou, apercebendo-se dele, ignore o seu autor." Temos aí um tema novo, sujeito a variações. Aí "a minha intenção amante perdura na presença do amado, pelo menos sob a forma de um ideal anônimo." Talvez haja aí "uma vida obstruída, ou um caminho que o amante não se decida a percorrer; mas algo de querer amante está, por assim dizer, colado realmente à substância do amado." Foi neste sentido que escreveu Newman, referindo-se à "presença de testemunhos do cristianismo mesmo nos seus (crúeis) perseguidores". Eis a frase de Newman: "Eles têm um amigo no coração de cada homem, e este amigo testemunha a seu favor, mesmo aqueles que os

maltratam."

Um terceiro e mais rico grau de reciprocidade no amor vamos depará-lo naquele nível "em que o ti ratifica o projeto que o mim lhe dirige." O tema amoroso foi lançado e foi aceite pelo amado, "eas variações que ele compõe estão de acordo com esse tema." Exemplificando, dando exemplos plásticos, ilustrativos, colhidos na vida real: com tal reciprocidade é que "o discípulo recompensa o mestre, e que a criança honra a educação que recebeu. Não se trata, bem entendido, de copiar um resultado, ou de se assemelhar de maneira servil a um modelo, senão que de adotar uma orientação de espírito e responder com originalidade a uma força inspiradora."

Por último, temos o quarto grau ou nível de mutualidade amorosa; nesta elevação, a reciprocidade aparece-nos completa, se, porventura, "o amado quer a minha promoção e se volta para mim tomando a minha realização pessoal como fim da sua atividade. Nesse momento, o circuito amoroso está constituído."

Aqui abre-se uma oportunidade para que se analise em profundidade o dom de amor — "o dom de si que caracteriza o impulso da consciência amante". Com efeito, que realmente se passa com esta consciência amante, que é que no fundo e efetivamente quer ou aspira esta consciência? Responde-nos Nédoncelle dizendo, simplesmente, que "apercebemo-nos de que esta consciência quer implicitamente os quatro graus de reciprocidade cuja progressão acabámos de estabelecer."

"Pelo simples fato de querer ajudar outrem a ser ele próprio, o amante procura obter, tanto quanto as circunstâncias e a atitude do amado lho permitem, a perfeita constituição do pleno circuito do amor. O que quer dizer que, amando, aspira, de certo modo, a ser amado: os dois movimentos conjugam-se de maneira inevitável."

UBIRAJARA ROCHA

VERDADEIRAMENTE, e amor é sempiterno; é sentimento de ontem, de hoje, de sempre --- sentimento que há de durar enquanto existir o mundo e enquanto num peito bater ou palpar um frágil e pobre coração humano.

O amor é imortal --- seja ele belo ou perverso, cândido ou diabólico, puro ou impuro --- fonte vida ou fonte de morte. Existirá sempre, enquanto existir a humanidade. Sómente o fim do mundo, a morte universal, catástrofe suprema poderá riscar da ^{face da} terra o ordenado ou desordenado amor, a violência ou brandura do amor.

Mas o amor modifica-se juntamente com as modificações do mundo. O amor muda, por vezes, refletindo as mudanças da vida dos homens sobre este "lamentável planeta". Há mortes aparentes de mundo, antes da chegada da sua morte final, da sua extinção total, própria ou peculiar a tudo o que é finito. Gira, constantemente, sobre si mesmo, a esfera do mundo, dando novo aspecto, imprimindo nova fisionomia às coisas, aos costumes, às idéias e sentimentos; na essência, porém, tudo perdura, tudo permanece e mesmo.

A vida pode empalidecer, mas não quer e não quer morrer. E como escreveu Michelet, ao traduzir as idéias de Virgílio, o suave poeta de Roma, "longos ombros de mulher, infelizmente sibila a que sufocaram os suspiros", intensamente deseja de falar, de profetizar:

"O mundo, morrendo, não morre. A uma idade que passa sucede-se a idade que vem. O Círculo das coisas, o círculo das horas do mundo, na sua eterna ronda, ligam de mil manzibranos o poente à aurora."

Podemos predizer, como o poeta, que

"Uma madrugada viva está para chegar; e

e tudo reconhecerá."

Não há erro ou engano nessa antevisão do futuro; em realidade, o mundo evolui sem cessar ou retrocede, nunca estaciona onde está; ou vai para a frente ou para trás, nunca pára, e sempre muda de aspecto.

Com o amor sucede o mesmo --- apresentando muitas e muitas faces ou máscaras, mudando de aparência embora se conserve imutável na essência. O círculo das idades traz alterações na existência (não na essência) do amor.

Pode apresentar encantadoras fórmulas ou viver em mortíferas intencionalidades e manifestações. Pode encher um coração quimérico e perturbado, ou mover a mão maléfica do smante patológico, cuja carícia antes matava ou mata do que conforta ou vivifica.

Per vezes o amor põe nas mãos de homens e mulheres armas para destruir homens e mulheres.

Espetáculo bizarro! E contudo humano, demasiado humano.

Falamos com singeleza sobre o amor, fugindo de pedantescos debates a respeito do tema ao mesmo tempo tão velho e tão novo.

Seria o amor --- como proclamavam os estóicos --- "salvação da Cidade"? Bem servimos à Cidade, à Civilização, quando a servimos pelo coração?

A resposta é sim, excetuando os mérbidos que amam com imaginação desordenada. Efinal, ainda, muita confusão no que toca à verdadeira conceituação do amor. Citemos as lúcidas e oportunas palavras de Michelet:

"Mas como é vaga, obscura esta palavra Amor! O amor sem a justiça, o amor do capricho e do favor, pode tornar-se inferno, nunca a salvação, mas sempre o flagelo da Cidade."

Velvendo a atenção a outros aspectos da questão, diremos sobre o amor que ele não é, para muitos corações, senão impeto brutal, tortura do mundo interior, melancolia selvagem, marca de terrí-

terrível esterilidade. A verdade é que "só em Deus reside o amor. Deus amou toda a gente... Pode exigir tudo, porque deu tudo — seu Filho!"

Quem se ~~atrevia~~ a fazer que ama, depois de ~~amrvá-lo~~ ~~consam~~ o de Deus ~~opõe~~ suas ^{uma} criaturas?

O amor pode ser ^{uma} benção; sem dúvida, pode ser perdão, sacrifício, renúncia, mas devemos reconhecer que em muitos e muitos casos não é senão maldição — terrível poder de destruição. Pode ser sentimento desesperado, aniquilante, atração poderosa que se destaca "em relampagos de sangue". A terribilidade do amor foi salientada por São Paulo, o fundador da teologia, e por Santo Agostinho, "um cruel doutor". E o que sobre isso disse Michelet é o que se vai ler:

"Uma literatura inteira agita o veneno do amor."

Amor — ferida grave, sensível, aberta no coração do homem.

"Como é terrível o Amor! A porta do inferno dantesco tem esta legenda: "Foi o amor que me fez."

Foi o amor que levou Santo Agostinho a conceber e idealizar a cruel doutrina da Predestinação, doutrina que enche o coração do desgraçado não de conforto e esperança mas de amarga incerteza, de tristeza incurável. O predestinado é o previamente escolhido por Deus, está salvo, adrede, os demais são as bestas condenadas ao fogo do inferno, à extinção nas trevas exteriores, "onde há choros e ranger de dentes", inextinguíveis, eternos. A predestinação, é certo, ^{de} priva o pobre homem tanto de completa como verdadeira alegria; fê-lo perder o riso, sem esperança de reavê-lo um dia.

A sombria doutrina teológica da Predestinação, inspirada pelo terrível amor de Agostinho, não pode ser pintada com leveza, com tintas sóbrias e vagamente imaginativas. É uma chaga cruel que remorde a consciência do homem e sua dureza não pode aparecer em cores ingênuas; o pobre pecador, sentindo-se perdido, esmagado pela sua

pesada culpa, imagina que só querem destruí-lo e teme e treme de pavor. Fita de longe, temeroso, a figura suave de Jesus, "a sua tristeza profunda, as suas lágrimas"; sente-se vagamente desamparado da bondade condescendente do Divino Mestre, mas é na hora da morte que seu desespero e seu terror sobem de ponte, se accentuam indescritivelmente: nesta hora patética, final, o pobre desgraçado "perturba-se, chora o seu destino, maldiz a hora em que nasceu, crê que sua mãe o concebeu num dia de mau desejo (segundo a letra do salmo) e diz por fim— "Ai do meu corpo e da minha alma, que os sinto já tão longe de Deus!" Brado de amargura!" E é assim que o aterrorizado se chega ao cabo de uma vida sombria, vida terrivelmente apreensiva ou esmagada pela idéia de não ter sido eleito do Senhor, vende aproximarem-se dele, no derradeiro instante de vida, "os leões do inferno".

Pode haver coisa mais cruel para o espírito e o coração? Pois, como disse, tão cruel doutrina foi inspirada pelo amor à imensa inteligência de Agostinho. Doutrina é esta tão bárbara como a que professa que Deus amou o homem, como vemos claramente na história trágica de Jó. Se São Paulo pode ser tido como um "cruel doutor", Agostinho, nesta doutrina da predestinação, pode ser considerado um carrasco. O epíteto é de Michelet, que desta forma escreve, desta vez sem as floridas inépcias da historiografia romântica:

"E o amor que faz a fúria, a ferocidade Agostinho. No seu ardor por Deus, aquela alma africana apostrofa e condena os Padres gregos que duvidavam da eternidade do inferno, e se atreviam a dizer que o bemaventurado, chamado e réprobo, poderia experimentar compaixão."

Mas — façamos a pergunta que nos perturba o coração: Mas quem é o réprobo?

"Toda a gente" — responde Michelet. O réprobo é toda a gente, toda a humanidade.

"Em Agostinho se verifica que, nesta doutrina

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle, em seu notável e inestimável livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa", enfeixa, condensa e cristaliza as mais límpidas e luminosas reflexões sobre o amor e as relações de reciprocidade existentes entre as diadas e tétrades afetivas, pondo em brilhante evidência sua essência, seu valor, sua importância na vida, na história pessoal ou destino individual de cada pessoa humana. O pensamento do Pe. Nédoncelle --- desatado o valor duvidoso que caracteriza todos os trabalhos humanos --- fulgura ou alberga tanto brilho, tanta originalidade nas pesquisas e nos conceitos que, desde logo, cativa, fascina as inteligências mais lúcidas e esclarecidas. O Pe. Nédoncelle é um escritor sincero, e já essa sinceridade é o que mais aprecia, é a nota ou traço psicológico que mais me agrada, mais me encanta em qualquer escritor.

Além de ser absolutamente sincero, este insigne filósofo pertence ao escasso rol dos que escrevem bem; escreve bem porque escreve significativamente, e creve significativamente com bom gosto, "coisa que algumas vezes acontece".

Diz ele, assinaladamente, ao referir-se ao conceito de pessoa, cuja noção é indispensável que se estabeleça, desde o princípio, em qualquer estudo ou ensaio acerca do amor: "Não será inútil, para fixar idéias, precisar o sentido da palavra pessoa; palavra que o problema do amor nos obriga a repetir com frequência." Dispensando, para simplificar, a distinção que se pode fazer entre pessoa e personalidade, acentua que "toda a pessoa é um desenvolvimento histórico; pelo menos não temos qualquer experiência duma forma de personalidade que o não seja. Ela pressupõe, além disso, uma continuidade criadora de si própria, isto é, a presença da livre causalidade do mim."

"A pessoa deve estender-se a tudo, sem con-

consentir em dissolver-se na banalidade, ou a fechar-se no egoísmo; é chamada a possuir-se, para dar-se, realizando-se através desse duplo movimento, num equilíbrio ao mesmo tempo móbil e continuo. Um ser humano não é, aparentemente, mais do que uma pequena gota de psiquismo; mas é, na realidade, um cadinho no qual o universo espiritual procura dar e receber toda a sua energia numa individualidade insubstituível" (e também única, singular, não se confundindo com nenhuma outra).

Sempre procurando a real e essencial semântica ou sentido espiritual da pessoa humana, acrescenta o Pe. Nédoncelle:

"Da mesma maneira que a pessoa é votada ao amor, o fim desse amor é constituir as pessoas; é ele, um mim sem querer, ao mesmo tempo não pode querer, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ po, os outros mim, para se igualar à perfeição do seu movimento. Eles e ele não se separam do espírito, e o espírito não pode separar-se deles. O único está, portanto, ligado à totalidade; e a totalidade não destrói a multidão das unicidades, senão que as constitui."

"Os valores visados pelo mim se fragmentam e se dispõem em escadões. Só posso, por exemplo, amar os chineses por intermédio dos franceses, ou trabalhar para a prosperidade dos nossos descendentes devotando-me aos meus contemporâneos."

"Não poderei realizar-me, sem realizar a outrem."

"O fim do amor está sempre para além da sua obra imediata." O que o amor sobretudo visa é "a ordem completa das pessoas."

Dizer amar é o mesmo que dizer "vontade de promoção mútua". Evidentemente, eu não amo se porventura tento usar a outrem, se faço de outrem um instrumento de meu desejo, um folgado ou brinquedo de meus sentidos físicos. Se não respeito a nobreza e a qualidade de alguém, como pessoa humana, não lhe tenho, certamente, amor, porque o transformo em coisa, o converto em objeto de minha satisfação pessoal egoísta. Fico sozinho, isolado, perdido no gesto unilateral de minha subjetividade solitária: nisto se resume o amor (doentio, selvagem, degenerado) do sadismo e do masoquismo.

Por outro lado, "quando me sirvo de outrem para bem dum terceiro, o meu ato será ímoral e o meu amor contraditório se não respeitar num tal instrumento vivo uma destinação tão preciosa como a desse terceiro. Aquêle a quem chamo instrumento deve ser, nalgum aspecto, um colaborador e um igual."

"Vivos eu inertes, os valores instrumentais que o amor quer terço como função promover diretamente as pessoas, ou recuperá-las. Prestam-se, portanto, a uma técnica de progresso ascendente ou de redenção salvadora."

O espírito de redenção que há no amor é fácil de ver, fácil de compreender; que o amor redime é a sua invenção mais generosa. Desde o princípio o amor se submete às exigências da justiça, porque, em caso contrário, não será amor.

No centro do amor humano está um movimento de libertação salvadora, ansiando pelo infinito. Uma vez que amo, procuro promover, com a minha consciência, uma outra consciência; tudo faço, sem reservas, para realizar a plenitude do ser que amo, porque "o nosso amor imperfeito está enraizado numa ordem perfeita. O verdadeiro amor é "ideal que não recua perante nada, sob pena de se destruir. Se perdesse a esperança de suprimir o mal, nadificar-se-ia brusca e inteiramente. A menor timidez faria a sua ruína."

O amor é "um valor ágil e voraz que nada deve deixar sem relação consigo... É o único

a pretender carregar com o peso do mundo, e compromete-se a fazê-lo em consequência do seu impulso primitivo; se a isso renuncia, suprime-se completamente e afunda-se na con-tradição."

De observar-se, nesta altura, a impossibilidade de realização de uma idéia comum ou corrente entre alguns filósofos ou pensadores do amor, segundo os quais desempenha o amor um papel "coordenado" esta "coordenação" é impossível, nota, penetrantemente, Nédoncelle, porque, no amor, vigora um princípio absoluto: "exige ser tudo ou nada." Esta, aliás, é a característica que o distingue ou diferencia dos outros valores "que deparam com um limite absoluto ao seu poder ou à sua validade, ou que se volatilizam num momento preciso do seu desenvolvimento."

O amor traz uma visão completa dos valores, abrange a multiplicidade ou variedade das dimensões valorativas. Ele olha de alto e por cima de todas as coisas do universo. É uma cosmovisão; sua alma é a totalidade. "A sua determinação consiste em ser a alma das determinações."

O amor é, ainda, polimodal; aparece, diversamente, "nas diversas formas das existências concretas". "É ilimitada a variedade das suas relações com cada ser."

"Da mesma maneira que as matemáticas são o domínio da ordem, muito embora um teorema novo seja sempre uma expressão original dessa ordem, assim também os laços de qualquer ser com o amor são a inesgotável invenção duma relação permanentemente inédita."

"A dialética do amor quebra, a cada momento, os quadros rígidos em que quisermos fechá-lo. Não depressa éle é princípio de dedução ou regra de equilíbrio, como responde à angústia e a transforma mesmo naquilo que nela se apresenta como intransformável."

"Realiza certos sêres por meio de um desenvolvimento amável, e destrói outros para os tornar perfeitos. As suas imanências são o jogo infinitamente renovado da sua transcendente liberdade. É o único valor que pode exigir a priori ser encarado como a causa final do universo, e o único que possui a envergadura necessária para arrastar na sua iniciativa os outros tipos de causalidade."

Sem dúvida, nesta últimas linhas, toma corpo ou ^{adquire} vulto uma pretensão teórica alimentada pelo Pe. Nédoncelle; pretensão talvez discutível, que talvez não subsista diante de um criticismo agudo e penetrante. Uma pretensão teórica nem sempre leva a um trínfo teórico. É evidente que o que é teoricamente afirmado pode também ser teoricamente negado; teorias combatem-se com teorias. E é o próprio Pe. Nédoncelle quem isto reconhece, dizendo: "Não nego que a justificação filosófica do universo pelo amor não seja sempre, sob certos aspectos, um belo risco a correr. Uma interpretação humana do mundo não pode ser terminada num mundo que também não está terminado. Mas é possível mostrar com certeza que a promessa tecida pelo valor do amor é sempre mantida nos casos particulares que o filósofo pode analisar."

Desta sorte ou desta guisa, a pretensão nédoncelliana, acima enunciada, bem pode ser certa e verdadeira, sobretudo se aplicada aos casos concretos e particulares, perdendo aí seu aspecto ou seu caráter de teoria in vitro; em outras palavras, há indícios de que se trata de uma concepção apoditicamente exata, de uma noção concretizável e sem laivos de especulação cerebrina, quando levada à análise dos casos pessoais e individuais de amor, das histórias de amor isoladamente consideradas. Ocorre, porém, que é por ^{outra razão} ~~xxxxxxxxxxxx~~ que a tese nédoncelliana pode ser suspeita de invalidade filosófica ou racional; esta dúvida ou incerteza confessa-a o próprio Nédoncelle, com comovente humildade intelectual e com a perspicácia habitual, nas linhas

que se vão ler:

"Simplesmente, é por um outro motivo que, na verdade, a pretensão ultrapassa a execução: a filosofia de amor está ainda nos primórdios; de fato, ela não avançou depois de Platão. Em boa verdade, que se estudou de uma maneira sistemática nos tempos modernos, salvo talvez as relações do amor com o conhecimento ou com a justiça? Max Scheler tentou distinguir o amor e a simpatia; mas teremos nós uma monografia séria acerca das relações do amor com a ^{severidade} ~~o ódio~~, com a indiferença ou com a ~~maximadax~~ ^{maximadax} de?" Kierkegaard oferece-nos algumas sugestões, e nada mais."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

O AMOR --- tema vulgar, extremamente versado, já tão desbeijado por um constante tratamento literário, filosófico e científico. Tema inspirador das mais insípidas divagações, das mais frívolas elucubrações tanto dos que conhecem como dos que ignoram os íntimos mecanismos da psicologia humana, os subterrâneos movimentos da alma do homem.

Amor --- assunto ordinário e que aflora, de modo constante, tenaz, à pena dos melhores escritores, poetas, filósofos, dramaturgos. Problema cativante, provocante que seduz a imaginação e a sensibilidade dos homens e mulheres de pensamento, capazes de verdadeiramente pensar e sentir. Assunto muito velho e no entanto sempre novo. Assunto fastioso, cansativo e contudo, contudo tão original, tão moderno e infinitamente tocante.

De que espécie de amor falaremos aqui? Falaremos do amor, essa paixão absorvente, sempre viva, veemente, dominadora, paixão que é um terrível apetite sensível? Este é trágico, dramático amor, amor perverso, maléfico, devorador:

Amor --- paixão sensível que nos réi até os ossos.

Ou bem trataremos de outro tipo da classificação geral do amor --- daquele amor benigno, silencioso, abnegado, submisso, ideal finamente romântico e de beleza quase patética? Amor que não é negro e destruidora paixão da alma, mas que é

Amor --- cão feroz, que nos estragalha deliciosamente.

Sejamos francos e sinceros: trataremos de ambos os amores, mais, trataremos de todos os amores, lembrando-nos sobretudo dos antigos para pô-los em confronto com os modernos e até contemporâneos.

O suspiro de escravo do amor é ouvido tanto ontem como hoje, sensibiliza e comove tanto no passado como no presente; é um suspiro eterno do coração humano. Tal suspiro nasce o parte de um desejo sublime da alma que sangra e que chora, debruçada sobre si mesma. É um canto de dor, admirável e profundo, vertido na voz penetrante, eterna, do ser dilacerado pelas mais ardentes e sinceras paixões pessoais.

O que fere o amoroso é o seu sentimento de culpa; ele se julga culpado e se acusa. Nesse caso, o coração, mesmo sofrendo, sente ainda mais culpado. Sofre sobretudo porque nunca consegue satisfazer-se, preencher-se. Fora do amor de Deus, nenhum outro amor consegue encher o vaso sagrado, a ânfora divina do amor.

Esqueça a alma moderna que o amor deve ser humanizado, despidido de sua orgulhosa pureza; o amor deve ser um constante milagre de clemência e de bondade. O amor não é egoísmo e sim caridade. A segurança secreta do amor repousa no respeito pela personalidade do "outro"; quem perde a nobreza, a qualidade de ser humano não pode amar nem ser amado. O fundo do amor é divindade, ou não é amor; será mero impulso ou capricho do coração cego, numa palavra, amor animal, selvagem, primitivo, amor indigno de se nomear.

O verdadeiro amor é forte e corajoso, feito de admirável perseverança, não sembra móbil e ligeira, que perpassa ou flutua sobre a superfície da alma. É sobretudo um sentimento varonil e não se contenta em apresentar aparências varonis. Os verdadeiros amantes abraçam-se para a eternidade, como diziam as irmãs Brontë, e não sentimento espasmódico e passageiro.

O amor de hoje em dia, é preciso dizer, é amor que se funda em detestáveis raízes. É amor pobre e fugitivo, efêmero, sem riqueza espiritual. Não é fonte de vida e sim de morte. É amor de hausto curto, de essência áspera e cruel, de substância falsa e feia. Amor sem delicadeza, sem pureza, sem pudor; amor que se deleita no instinto, e que não é forte, fino como os amores que vemos descritos nas narrações bíblicas, na "bela enciclopédia judaica que se chama a Bíblia."

doutrina do Amor, raro se encontra o objeto amado, e o eleito é quase impalpável. Pai do céu! Que preceito mais duro constará da Lei? Fazei-nos Justiça. Com ela, terei ao menos circunstâncias atenuantes. Mas nada quero com a Graça. A minha sorte está de antemão decretada... Por Deus, libertem-me do Amor!"

Tal é a crueldade fria, o ardor terrível, surdo, que pode o amor atingir. Vemos, nitidamente, este ardor selvagem de amor na Inquisição, nos sombrios e crêis inquisidores medievais, nos Torquemadas, aparentemente sem alma mas que tinham alma demais, visto que mandavam à fogueira homens e mulheres unicamente para purificá-los, para salvá-los, para libertá-los dos demônios que deles se haviam apoderado. A fogueira, a queima do corpo na praça pública, era um ato de amor, um perfeito, genuíno, autêntico ato de amizade para com a alma pecadora, possessa do Diabo.
pelas chamas de
Ardentemente envolvida por tal amor morreu Joana D'Arc...

UBIRAJARA ROCHA

A brilhante e engenhosa cultura ocidental, fruto de muitos séculos de amadurecimento e experiência, já não mais permitirá que a mulher viva sem "eu", como um ser inerte, despersonalizado, passivo. Tão humilhante e miserável condição também já vai "passando" no fumacento Oriente; a decrépita incógnita do homem oriental já vai diluindo os rigores com que tratava a mulher, e isto por vantagem própria, visto que é infinitamente preferível ter nos braços um ser humano do que uma "coisa" morta, sem vibração, sem crispções, sem pensamento, sem sentimento, sem nada.

Moderniza-se, ocidentaliza-se a mulher oriental, cada vez mais e de dia para dia. O antigo perfil ou retrato da mulher oriental, destruída pela passividade humilhante de muitos e muitos séculos, foi assim vista e comentada por um grande historiador romântico:

"A mulher é triste e seca, de aspecto ingrato e pobre. A impotência do homem é indubitavelmente lamentável, mas a mulher impotente, atrofiado fruto seco --- é pior, (pior do que a morte) --- uma desolação." (J. Michelet).

A mulher humilhada, esmagada de tristeza, despersonalizada, reduzida a uma decilidade constante, tornada ser do qual se ri, convertida em objeto de sarcasmo --- que coisa idiota, que concepção infame! "Que coisa mais cruel para a coraçõ!"

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Em boa ou em má verdade, a filosofia do amor está ainda de gatinhas. Tal setor ou ramo de estudos, dentro e fora da psicologia, ainda engatinha, ^{apenas} dá os seus primeiros passos, ainda não saiu dos seus primeiros e tímidos vagidos. É isto o que nos demonstra, convincentemente, Maurice Nédoncelle, admirável filósofo contemporâneo e conhecedor assaz profundo desse misterioso e enigmático tema que é o amor humano, com todas as contradições e perplexidades que ele implica e comporta. De modo nitido e preciso, com todo o rigor de seu estilo puro e brilhante, escreveu o lúcido e simpático filósofo francês que uma das melhores e mais densas páginas de seu excelente e formoso livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa":

"a filosofia do amor está ainda nos primórdios; de fato, ela não avançou depois de Platão."

Com efeito, tem razão o Pe. Nédoncelle: é enorme a carência de estudos e pesquisas a respeito do amor, ou, mais exatamente, como ele próprio o diz:

"Em boa verdade, que se estudou de uma maneira sistemática nos tempos modernos, salvo talvez as relações do amor com o conhecimento ou com a justiça? Max Scheler tentou distinguir o amor e a simpatia; mas teremos nós uma monografia séria acerca das relações do amor com o ódio, com a indiferença ou com a severidade?"

Nosso filósofo, que é não só partidário mas um dos máximos representantes da tendência ou corrente do pensamento filosófico moderno, a que se dá o nome de espiritualismo existencial, não vacila

de uma só penada em lançar ao lixo, em atirar ao monturo das coisas decrépitas e imprestáveis toda a vasta congêrie de conhecimentos científicos até agora elaborados sobre o amor, incluindo toda a psicologia profunda de Freud, passando pelas análises de Stendhal, Ortega y Gasset..., salvando, apenas, dessa destruição universal, simplesmente um nome, e assim mesmo, em parte, pois escreve, textualmente:

"Kierkegaard oferece-nos algumas sugestões (sobre o amor), e nada mais."

modernamente, Assim, apenas o ilustre filósofo dinamarquês, e ele próprio, Maurice Nédoncelle, falam, em formas bem elaboradas e bastante espiritualmente, a respeito do amor, com sua complexa e contraditória problemática. Nada mais resta, digno de nota, merecedor de exame, depois das especulações feitas por Platão, sobretudo no "Banquete" (Symposium). The rest is silence.

É só, porque o Pe. Nédoncelle é um pneumatólogo, é um atento e penetrante observador das coisas do espírito (pneuma) e não da alma, que é o objeto da psicologia. As concepções nedoncellianas pouca ou nenhuma importância ^{emprestam} à psicologia, que, em realidade, permanece na orla ou na superfície das coisas e dos sentimentos profundos do homem. A pneumatologia ultrapassa, de muito, os simples e periféricos estudos de psicologia e traça, ex ipso, o retrato ou a biografia espiritual desse ser profundo e doloroso, essencialmente trágico, dramático, que é o homem. A psicologia não pode --- simplesmente não pode --- penetrar na essência noturna, pungente, submarina, absolutamente insondável e misteriosa do ser.

As implicações do amor com o ódio e a indiferença são bem dignas de despertar a atenção de espiritualista, porquanto, como recentemente se provou, o avesso ou o contrário do amor não é o ódio e sim a indiferença. Amor e ódio são as duas faces do mesmo sentimento, da mesma vibrante paixão; o seu oposto é a indiferença, a frieza, o desprezo que um ser porventura passe a sentir por outro que anteriormente amava. Odiar é ainda amar, talvez de forma diferente; quem

uma não esqueça, mesmo acontecendo com quem odeia: tanto o objeto do amor como do ódio não sai do pensamento e do coração do amante e do odioso. É certo, portanto, que só a indiferença é o sepulcro, o sarcófago de amor; é, como frisamos, o seu oposto, a face contrária de amor.

~~XXXXXXXXXXXX~~ A indiferença não afirma nem nega nada; apenas ignora, desconhece... É insensível; tudo para ela é gelido e morto.

Mas retomemos o fio, deixado em mãos do Pe. Nêdoncelle, no ponto em que justa ou injustamente se comprazia em declarar que é quase absoluta a ausência de estudos modernos acerca do amor humano. Contudo, a inexistência ou a esterilidade de tais estudos não é completa, porque, do ponto de vista espiritual, é necessário reconhecer validade e autenticidade em ensaios e trabalhos de alguns pensadores anglo-saxões, fato que levou Nêdoncelle a tecer este pequeno, sério e sisudo comentário:

Os anglo-saxões, especialmente Mac Taggart, começaram a falar das relações do amor com o absoluto." Mas de forma alguma devemos nos deixar impressionar; que isto não nos impressione, porque os próprios teólogos falaram de amor com grande seriedade: "Foram os teólogos aqueles que melhor sondaram os conflitos da caridade com o mal, e da sua possível pacificação."

A verdade disto tudo resulta muito clara e cristalina: continua o amor sendo insuficientemente estudado, em todas as suas fibras, em seus tecidos mais profundos, em suas raízes subterrâneas. Já vimos, à montante, que alguns estudos --- esparsos, fragmentários, ecléticos --- foram feitos:

“Mas quantos segredos inexplorados guardam estas regiões! A maior parte das tentativas são desprovidas de qualquer profundidade: não são mais do que convencionais árias de flauta.”

A conclusão, que destas reflexões se pode tirar, é uma só e inelutável, segundo Nédoncelle:

Será, pois, necessário — diz ele, abertamente — que a reflexão não hesite em travar grandes batalhas por um tema tão importante, em vez de o abandonar aos romancistas e aos poetas. O amor falhará se não puder esclarecer-se através da reflexão que suscita; e se não esclarecer mesmo as suas falsificações, tal como por exemplo o terrível consórcio das consciências que se unem contra ele e que derrubam a sua ordem eterna, com tanto maior força temporal quanto mais altas essas consciências estiverem colocadas, e mais fortemente se unirem."

Preliminarmente, nessas grandes porfias que a meditação espiritual deve sustentar para atingir a profunda significação do amor, é forçoso ter absolutamente em conta um especial privilégio do amor, isto é, a sua "virtuosidade magistral" Um autor ou estudioso verdadeiramente espiritual jamais poderá esquecer que o amor, "em ^{razão} ~~igual~~ de seu rico virtuosismo, "se liga, por um lado, ao conhecimento ou ao querer, e, por outro lado, ao ódio." Vislumbra-se, no primeiro caso, "uma ligação analítica; em quanto que, no segundo, é possível discernir-se "uma vitória sobre o irracional."

Conhecer realmente é amar, ou, melhor, "o conhecimento real é um extrato do amor". Quem assim ama ~~quer, ao mesmo tempo~~^{quer, como} outro." Não há dúvida que os escolásticos tinham razão e puderam bem observar e apreender a realidade, quando afirmaram que o conhecimento tem, "em certa medida, um caráter altruista". É justo dizer e concluir, a partir de certas proposições de S.Tomás, que "a criatura recebe do conhecimento a impulso altruista, antes de a tornar-se uma parte na construção dos conceitos; o altruísmo do saber é, afinal,

um dom e um ato". Contudo, aqui temos que ter em mente e considerar com atenção um sério percalço: "a inteligência terrestre é inferior, discussiva e exposta a esgotar-se no conceito, sem atingir os séres." Há-de se reconhecer a irremediável insuficiência do conceito filosófico para abranger a definir a totalidade do ser; tal conceito, é bem verdade, apenas apreende e só encerra não o real mas aspectos do real, isto é, aspectos parciais, imperfeitos, incompletos, inacabados da realidade total.

Já o amor real é tema rico de sugestões e oferece fácil ensejo para o desdobramento de idéias profundas. Tema fertilíssimo e capaz de sugerir ao analista a intenção de se embrenhar em formas muito elaboradas de pensar; ao estudá-lo, o observador analítico encontra oportunidade para cair em especulações muito subtis e engenhosas; em tal estudo existe, portanto, copiosamente, a cilada, o grave perigo, a séria ameaça, a tentação de levar o especulador a encerrar na prisão gelada de conceitos meramente cerebrais, conceitos muito abstratos e de conteúdos muito frios, ou simples entes de razão, como as fórmulas da matemática. Em tal caso, o especulador cai na pura geometria das idéias, enrodilha-se em jogos de palavras, cai em frívolos e artificiosos exercícios de palavras; não sai, propriamente falando, dum fútil e vazio exercício de virtuosismo verbal, parece deixar-se aprisionar num cintilante casulo de palavras, donde não parece querer sair, enovelando-se em razões e argumentos de inteligência teórica e discursiva, cujo principal defeito é pôr em exílio ou banimento as verificações e conclusões da inteligência prática, inteiramente debruçada ou atenta aos movimentos do real.

Mas, do amor real, falaremos próximamente, em outro artigo desta série, visto que nosso espaço neste jornal é muito limitado e nesta altura já está praticamente esgotado.

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Em todos os estudos e análises feitos acerca do amor temos de admitir a presença de uma observação inquestionável, de um fato não suscetível de negação racional: é a reciprocidade. Sem a reciprocidade --- "a vontade de promoção mútua", como afirma Maurice Nédoncelle --- não há amor, o amor aborta, gora, por ser mera tentativa dolorosa, frustrada, de amor unilateral. O amor exige correspondência afetiva, retribuição viva, ardente --- ou não existe. Na verdade, o afeto nem sempre é retribuído; mas, tal fato, não invalida, não derruba o paradoxo acima enunciado, e que Nédoncelle, com a sua peculiar profundidade filosófica, com a sua arguciosa lucidez de partidário do espiritualismo existencial, define e expõe nesta fórmula lapidária, posta a brilhar diante de nossos olhos com sua rigorosa sintaxe psicológica:

"Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre o fato de ser amado." ("Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Portanto, por paradoxal que pareça, é a reciprocidade, a mutualidade, a troca ou permuta continua de satisfações, de favores, de finezas, de delicadezas --- a presença perpétua, ininterrupta de um "dar" e de um "receber" --- a alma, a própria essência do amor. Tal como a lógica é o nervo, o músculo do discurso, assim também a "vontade recíproca de doar-se" é a alma, a substância do amor. A reciprocidade jaz nas fibras mais secretas, nos tecidos profundos do amor, nas raízes subterrâneas de eros.

É a reciprocidade amorosa --- e não o amor solitário, puramente subjetivo, intransmitido, inteiramente pessoal e isolado, desconhecido de outrem --- que engendra a plena realização do ser. A realização do ser é feita de muitas formas e maneiras: o amor é uma

dessas formas (como a arte, o trabalho, o absoluto cumprimento do dever, o misticismo, o sacrifício, a renúncia... podem ser outras).

Mas, o que é, o que significa, em espírito e verdade, essa tão falada realização do ser?

Falam os filósofos, ardentes caçadores do Absoluto, em realização ôntica --- realização profunda de nossa natureza espiritual. Mas as coisas podem ser ditas de maneira mais singela, de forma mais simples, menos assustadora. A explicação que Hermann Hesse nos dá da idéia de "realizar-se", de "realizar o ser" carrega um significado facilmente perceptível, porque é linear, direta, caminha em linha reta para um entendimento claro, para uma compreensão nitida. Escreveu o sábio, o grande artista, o sumo poeta e romancista xpxxxx alemão, em certa passagem de uma de suas obras primas, o romance "Narciso e Goldmund":

"Mas o que significa isso de realizar-se?

"É uma idéia filosófica, não saberia explicá-lo de outra forma (responde Narciso à pergunta de Goldmund). Para nós discípulos de Aristóteles e de São Tomás, o maior de todos os conceitos é: o ser perfeito. O ser perfeito é Deus. Tudo o mais é imperfeito e, em parte, está em formação, está combinado, compõe-se de possibilidades. Deus porém não é combinado, Ele é Um, não tem possibilidades, mas é total e completamente realidade. Nós porém somos perecíveis, estamos em formação, somos possibilidade; para nós não existe perfeição, nenhum ser é perfeito. (Como disse Nietzsche, o homem é um ser inacabado). Lá porém, onde partimos da potência à ação, da possibilidade à realização, temos parte no Ser

Perfeito e nos tornamos um grau mais semelhante ao Perfeito e ao Divino. Isso significa realizar-se."

Amar e ser amado (como viver uma forma de vida para a qual se nasceu, viver no ambiente que lhe é próprio, participar de sua missão e não de outra que lhe seja forçosa ou antipática, dar corpo ou executar obras que trazia em seu coração e em seu espírito) é realizar-se. Realizar-se é dar sentido à vida, ser livre.

Maurice Nédoncelle versou com grande profundidade este tema da reciprocidade no amor. Nós, que, nos livros e nos escritos, sempre vivemos à cata de pensamentos inteligentes, encantamo-nos e nunca podemos deixar de expressar nossa admiração pela beleza e ^{com} profundidade das reflexões deste grande filósofo, que a França de Bergson presenteceu o mundo. Escreveu ele, acerca da cativante ou provocante questão que era nos preocupa:

"A reciprocidade... é uma viagem de mim para ti e vice-versa." (O mesmo seria dizer que é uma harmonia circular, ou, mais exatamente, um círculo harmonioso). "Ora, este movimento (circular) contém, desde que se estabelece, a percepção surda do laço que liga as duas consciências, e todas as outras nelas."

Essa é a reciprocidade, o vai-vém afetivo que une o amante ao amado. É, numa palavra, a relação íntima, estreita, que dá nascimento ao nós. O nós que não dois em um. Nédoncelle percebeu admiravelmente bem o fenômeno quando diz: "a palavra relação toma aí a forma de um nós. Mas o nós possui uma grande quantidade de espécies. P. Ferroux distinguiu, recentemente, o nós da semelhança (eti cado mim), o nós da aliança (mim contigo), o nós da confusão (mim em ti), e o nós do amor (mim para ti). A lista é incompleta e provisória." (Ver P. Ferroux e R. Prieur, em Communauté et Société,

Paris, 1941).

sutil

E com isto penetramos na árdua e ~~explicativa~~ questão de se "saber qual a natureza do nós do amor", impelindo a desenvolver esforços no sentido de discernir esse nós dos outros nós. Aqui não tentaremos resolver essa questão em pormenores e minúcias mas, tão-só-as, panoramicamente, seguindo de perto os luminosos ensinamentos de Pe. Nédencelle (não temos, como é sabido, luz própria para oferecer desenvolvimentos originais a respeito desta tema).

Por isso, atenção: o Pe. Nédencelle começa a elucidar-nos, e escreve, textualmente:

"Consideremos um velho que gosta da graça duma criança. Será legítimo dizer que procura conseguir a graça dessa criança, partilhando-a com ela? Claro que não! Não se trata duma fusão, ou duma confusão, dos seus domínios respectivos. O avô quer que a criança tenha essa graça, e a conserve, na medida em que ela é o dom próprio e o matiz particular necessário ao seu desenvolvimento. E, em compensação, a criança que se liga ao velho ratifica e promove, de certa maneira, a sagacidade e a bondade desse mesmo velho. Um e outro se alegram porque fazem prosperar uma riqueza que é dos próprios não ~~possuem~~ possuem. Um e outro têm, portanto, uma espécie de haver em comum: é uma posse centrífuga; mais ainda: é uma existência do seu mim em outrem, porque é o seu próprio ser que se desenvolve e se prolonga num outro ser. A sua vontade interior abre-se, e o que ela tem de mais íntimo aloja-se precisamente numa corrente de vida diferente da sua. Assim acontece em qualquer amor pessoal."

~~Sua~~ ^{em} ~~questão~~ ^{esta} é esta, verdade, sutil, difícil de se "expressar através das metáforas sensíveis da linguagem." Para dificultar-lhe a compreensão, esboçam-se ou erguem-se, desde logo, muitas ambiguidades, sutilezas, mal-entendidos. Delinco-se aqui um chiaroscuro difícil de aclarar, de tornar limpo; caminhamos, a bem dizer, na névoa, senão na treva, na escuridão. Assim:

"Imaginamos a nossa presença em outrem como uma riqueza que se separa do dom: assim, pensamos que o velho possui a graça da criança, tal como um proprietário guarda a sua fortuna no banco. As

coisas do amor são mais subtis. As qualidades que traduzem um mim ao e exprimem ao surgirem no outro mim e ao desenvolverem-se por ele; e é por ele que lhe serão devolvidas, numa atmosfera que é uma oferenda em retribuição."

Para tudo resumir e concluir, em forma alta e espiritual, o "filósofo de amor e da pessoa" dirá, com o Pe. Nédencelle, pondo-se de acôrde com as teses do espiritualismo existencial:

"O nós do amor é o próprio cruzamento dos dois haveres em outrem, e a consciência dessa dupla transposição generosa constitui o seu ser. Mais virtual ou mais real, segundo o grau de reciprocidade que é atingido, é esse ser que caracteriza todo o amor. A comunhão dos sujeitos não é mais do que a coexistência dessas duas séries descentradas, nas quais as qualidades individuais podem enfim circular na comunidade das pessoas. Nenhuma outra experiência permite compreender tão nitidamente a conciliação de uno e do múltiplo na vida do espírito. Aut duo, aut nemo."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Escrevendo, lúida e espiritualmente sobre o amor, intenta o Pe. Maurice Nédoncelle demonstrar as relações existentes entre o nosso querer e o nosso querer. Há relações íntimas, estreitas, profundas entre o amor humano e a vontade humana, a despeito de nosso velho e estimado e simpático Parias Brito ter escrito que "não amamos porque queremos mas sim porque sofremos a influência do amor", sentimento que nasce inexplicavelmente em nós, que chega e passa como uma febre, obedecendo a um processo psicológico peculiar, sem que ninguém saiba explicá-lo, permanecendo, assim, como um ^{enigma,} ~~mistério~~ um mistério da natureza humana.

O Pe. Nédoncelle não perde tempo em outras reflexões e afirma, sem vacilar, que há "relações do amor com o querer", assegurando que isso se dá "porque o nosso querer profundo nos lança imediatamente para além de nós próprios, para um Bem infinito, e nos convida a constituirmo-nos para outrem". Isto assim dito conclui, com profundidade e severidade de análise:

"só há vontade perfeita, havendo perfeito amor."

Bem certo é, diz o Pe. Nédoncelle, que a opinião pode diferir no sentido de se saber qual a ordem em que se encadeiam e se associam a inteligência, o querer e o sentimento, quando se trata de analisar o amor que sentimos ou experimentamos. Pode-se ter opinião diferente sobre a ordem que, no amor, se conjugam esses elementos ou fatores; contudo, faz-se "necessário constatar a forma como se encadeiam", como se aglutinam ou se superpõem. Convém pensar nisto: "na realidade, quando uma dedução se opõe muito violentamente a uma outra, é talvez porque olhamos os aspectos da alma como entidades inteiramente separáveis; matamos assim a organização viva de que eles estão penetrados."

Sómente o puro poder analítico da imparcialidade pode mostrar

o caráter íntimo da união de que se acaba de falar. Devemos examinar com justiça e com espírito reto a natureza íntima dessa união. Isto assim feito veremos, em última análise, os laços que ligam o amor e a verdade, o amor e a sinceridade, et cetera, com seus tons e matizes peculiares. A análise justa e imparcial revela, ainda, consoante as pesquisas de espiritualismo existencial do Pe. Nédoncelle, que

"Só as formas pobres do amor são parciais, no mau sentido da palavra; curam pelo insucesso, de tal maneira que a decepção se transforma em princípio de conhecimento justo."

E para notar-se que no curso ou na trajetória de muitos amores e paixões chega ou soa a hora dos mesmos esmorecerem ou apagarem-se. Pode ser dito, com certeza, que muitas paixões ardentes por fim se aquietam ou desaparecem, cansadas ou saciadas. Esta é a hora especialmente propícia para que o amor ou a paixão seja analisada com imparcialidade, com clareza e isenção de ânimo; extinta ou morta a paixão, estará ela em favoráveis condições de ser examinada com serenidade, submetida às luzes calmas e serenas da razão. É somente após o desaparecimento ou eclipse da paixão que se poderá conhecer, com exatidão, qual foi a sua intensidade, a sua força, enfim, qual foi a sua verdade. Esta situação psicológica surpreende-a o Pe. Nédoncelle numa simples porém seivosa e rica frase, colhida na excelente e substanciosa monografia que escreveu como contribuição a uma "filosofia do amor e da pessoa":

"Quando as paixões se convertem em indiferença, aparece a verdade." (grifo nosso).

Arrefecido o ímpeto apaixonado do amor, apagado todo o repertório de atos impetuosos da paixão, caído o sentimento no deserto tibetano e moral da indiferença, tornando-se o amante e o amado como que estranhos um para o outro --- abre-se o momento oportuno para

que haja justeza na análise e apreciação da relação amorosa que se extinguiu. Somente depois de extintos os fogos da paixão, somente após ter passado ummo que uma geada sobre o entusiasmo amoroso é que se poderá cogitar de fazer uma análise justa e imparcial sobre eles; somente então é que tal análise poderá ser feita sem que "a inteligência e a vontade não sejam vítimas do coração", mas, pelo contrário, sócios na mesma empresa ^{de} ~~maclatinadora~~ e analítica. É aqui que o intelecto e o querer exercem soberano domínio sobre o amor.

Penetraremos agora, com permissão do leitor, em uma nova ordem de considerações. Daremos, para isso, um novo giro em nossa esfera de observações. É este o momento de tecermos breve e ligeira apreciação a respeito das relações que se dizem existir entre o amor e o ódio. Move-nos o intuito, também, de dizermos algo substancial acerca deste cativante problema da psicologia, cujo provocante espectro seduz o pensamento de Maurice Nédoncelle. Ao abordar este espinhoso tema o Pe. Nédoncelle não põe a discorrer com rigor e sem paixão, como convém a um filósofo cioso de suas prerrogativas e de sua gravidade mental, substituindo perfeitamente bem a nossa carência de luzes próprias, cobrindo admiravelmente bem a nossa conhecida ^{falta} ~~fraza~~ de autoridade própria para dissertarmos sobre tão complicada e delicada matéria. São as seguintes as reflexões e concepções nédoncellianas sobre as pretendidas ligações entre o amor e o ódio:

"nenhuma ligação intrínseca liga, sob o ponto de vista espiritual, o amor e o ódio."

Aqui temos a chave para entendermos, em amplitude e profundidade, todo o pensamento nédoncelliano sobre esta questão. Espiritualmente falando, não há falar-se em possíveis associações entre o sentimento do amor e o sentimento do amor.

Prossegue Nédoncelle filósofo em sua análise severa e penetrante:

"Por muito frequente que seja a sua associação quando descemos aos dramas da paixão e do instinto, ela não é compreensível

quando nos colocamos acima da experiência mutilada e examinamos as próprias essências destes dois estados. Entre a vontade de promoção e o ódio, há um fosso (abissal) que a dialética pura não pode preencher."

Segundo a dialética vulgar ou popular --- se assim é possível dizer-se --- a mulher, quando ama, é cruel; em suma, é mais ódio do que amor. Seus ciúmes --- sentimento torvo da alma, em cuja base ou essência temos uma mistura de desconfiança, intolerância, vingança --- antes impelem-na para o lado do ódio do que do amor.

Sobre este e outros aspectos ou facetas apresentados pelo amor e o ódio, o Pe. Nédoncelle passa a refletir, interrogativamente, desta forma:

"Donde provém a necessidade de fazer sofrer aquele que nos ama, e que nós não amamos; ou aquele que amamos, e que nos não ama? Para quê esse desejo de humilhar outrem e de lhe infligir guerra e derrota, de uma forma aguda, refinada e implacável?"

Enigma, inógnita --- mistério da psique humana. Tudo isso permanece irrevelado na insondabilidade da personalidade humana, desafiando a argúcia de um exército de psicólogos, certamente incapazes de encontrar solução para os grandes segredos da alma.

Ao maduramente refletir sobre esta questão, cujos contornos vagamente se indecizam em sombras nos estudos dos melhores filósofos, escreve o Pe. Nédoncelle:

"Ninguém pode pensar em engendrar seriamente o ódio a partir do perfeito amor, como se aquele fosse um noviciado da personalidade ou um meio de a desenvolver normalmente. Da mesma maneira, ninguém pode sustentar que, detestando outrem, o castigamos para nos fazermos amar: porque isso só é verdade para os ódios banais, e não constitui a mais radical intenção do ato

de detestar."

Mais explicitamente, sempre penetrantemente:

"Dado que o ódio existe, os fatos impõem-nos através dele uma maneira de ser imprevisível, contingente, escandalosa."

O mistério do ódio, em ligação com o amor, criando situação paradoxal, contraditória, impensável pela razão pura, inconcebível para a pura dialética, é reconhecida e posta em realce pelo Pe. Nédoncelle:

"A presença simultânea do amor e do conhecimento, ou do querer, é necessária. Mas a presença (também simultânea) do amor e do ódio é misteriosa: supõe uma alienação e uma queda, cujo motivo e cujo mecanismo nenhum espírito humano pode penetrar completamente. Os filósofos podem, decerto, tentar entrever se uma caridade absolutamente boa pode causar um estado de coisas no qual o ódio é possível; mas, a certo momento da investigação, sentem-se sempre desconcertados, não podendo colocar-se inteiramente no ponto de vista dessa Providência suprema cujo ato os ultrapassa!"

A filosofia, que deve ela fazer para sair deste impasse?

Responde-nos Nédoncelle, derradeiramente ou no remate do parágrafo:

"A filosofia deve, neste ponto, terminar na fé e na esperança. A dialética é, portanto, obrigada a completar a sua marcha deutiva com um abandono ao amor infinito que não acabou de explorar. O laço que, noutras circunstâncias, facilmente estabelece, escapa agora ao seu domínio, sendo-lhe apenas possível retomá-lo através dos recursos sagrados da transcendência. E precise consentir num certo sa

sacrifício da visão para continuar o caminho."

UBIRAJARA ROCHA